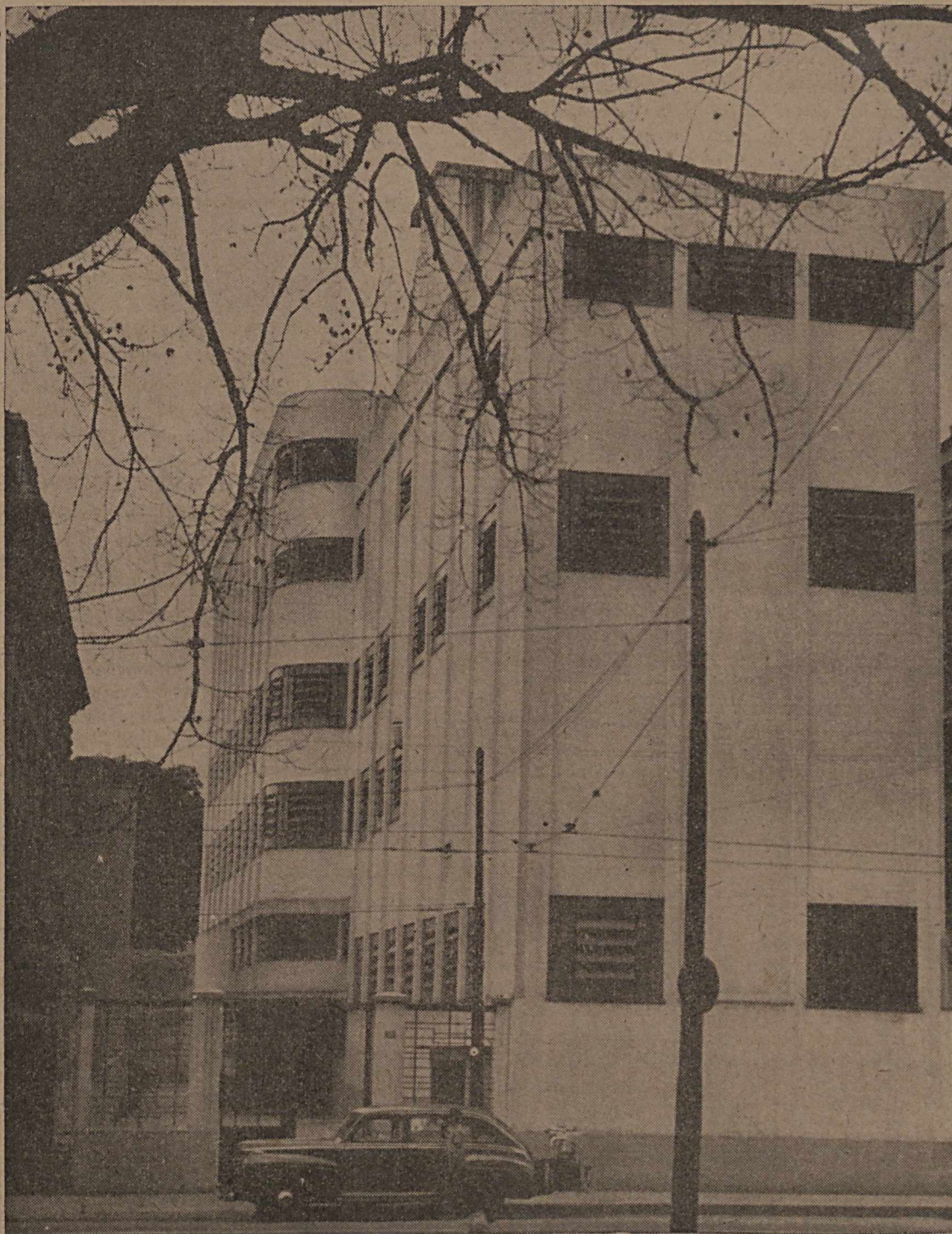


O Instituto Nacional de Cinema Educativo

Reportagem de ADALBERTO MÁRIO RIBEIRO



I.N.C.E. — A nova sede do Instituto, à praça da República n. 141 A

"Para nós o ideal é que o cinema e o rádio fôsem, no Brasil, escolas dos que não têm escola".

ROQUETTE PINTO.

NESTA reportagem pretendemos mostrar aos leitores da *Revista do Serviço Público* como trabalha o Instituto Nacional de Cinema Educativo.

Se fôsse possível, essa demonstração consistiria apenas de uma série de fotografias, como as de um filme, nas quais se pudesse até prescindir de legendas. Mas assim não pode ser. E, em vez de gravuras corridas em série, perfeitamente conjugadas, somos levados a publicar apenas algumas fotografias esparsas, que bastem a amenizar um pouco a densidade e a dureza do texto. Afinal, ao próprio Instituto não pode interessar qualquer reportagem visando divulgar-lhe as atividades. As suas produções estão por aí a percorrer o Brasil inteiro e mesmo ao estrangeiro já têm sido levadas. Como se sabe, êle vive às claras e esclarece tudo, desde os infinitamente pequenos — os micróbios — até o belo céu do Brasil!

No mês passado escrevemos sobre o Museu Histórico Nacional, relicário precioso, grande livro de memórias, cujos capítulos são assim chamados: Salas dos Vice-Reis e Dom João VI (Brasil-Colônia); Salas D. Pedro I e D. Pedro II (Brasil-Império); Sala República...

A princípio êsse livro de nossa história política, social e artística era formado de dois capítulos apenas, e podia ser lido facilmente. Hoje, não! Tomou a feição de verdadeiro Larousse e seu autor mostra-se ainda insatisfeito. Só pensa em aumentá-lo, na ânsia de espaço para novas salas, como a "Getúlio Vargas", a ser inaugurada brevemente, e outras já em vista.

Natural a insatisfação do diretor do Museu Histórico: êle é realmente um apaixonado, um grande apaixonado das coisas do Brasil, que deseja ver bem conhecidas dos próprios brasileiros; bem conhecidas e bem compreendidas.

UM LIVRO ABERTO ÀS MULTIDÕES

No Instituto Nacional de Cinema Educativo domina também êsse mesmo anseio de educar cada vez mais o nosso povo.

O livro é diferente: sai da estante e abre-se às multidões, cheio de luz, som e clareza!

Histórias antigas, como as dos bandeirantes, são contadas de forma simples e atraente: pelo cinema. Anchieta escrevendo na areia seu poema "A Virgem", "A vida de Carlos Gomes", "O despertar da Redentora" e, agora, "A vida de Euclides da Cunha", em preparação, constituem valiosa contribuição do Instituto ao ensino e à divulgação de fatos e episódios nacionais mal interpretados muitas vezes em leitura apressada ou ignorados por completo daqueles "que não têm escola".

Além dos filmes históricos, há os de reportagens e de documentação artística e científica. De todos falaremos mais adiante.

O CINEMA EDUCATIVO E O CINEMA INSTRUTIVO

Gostaríamos, nesta altura, de conversar um pouco sobre o cinema educativo e o cinema instrutivo.

Entretanto, à falta "de engenho e arte" para tanto, melhor será dar a palavra ao professor Roquette Pinto. Já arranjamos jeito de forçá-lo a dizer alguma coisa a respeito!

Basta que retiremos, com antecipação, do material colhido para esta reportagem na biblioteca do Instituto, a cópia que fizemos da palestra de seu diretor na "Hora do Brasil" de 18 de maio de 1937, nas comemorações do "Mês do Cinema".

Com essa transcrição oferecemos aos leitores da *Revista do Serviço Público* observações muito interessantes não só quanto ao cinema em si mesmo, como também em relação ao conceito de instrução e educação, duas coisas inteiramente distintas e, no entanto, muito confundidas por aí...

Então vamos lá:

— Tem a palavra o professor Roquette Pinto:

"Não é raro encontrar, mesmo no conceito de pessoas esclarecidas, certa confusão entre o cinema educativo e o cinema instrutivo. E' certo que os dois andam sempre juntos e muitas vezes é difícil ou impossível dizer onde acaba um e começa o outro, distinção que aliás não tem de fato grande importância na maioria das vezes. No entanto, é curioso notar que o chamado cinema educativo, em geral, não passa de simples cinema de instrução. Porque o verdadeiro educativo — é o outro, o grande cinema de espetáculo, o cinema da vida integral. Educação é principalmente ginástica do sentimento, aquisição de hábitos e costumes de moralidade, de higiene, de sociabilidade, de trabalho e até mesmo de vadiagem... Tem de resultar do atrito diário da personalidade com a família e com o povo. A instrução dirige-se principalmente à inteligência. O indivíduo pode instruir-se sozinho; mas não se pode educar senão em sociedade. O bom senso irônico do povo marcou espontaneamente a situação do instruído deseducado quando se riu do ferreiro que usa espeto de pau. São pois muito grandes as responsabilidades do cinema de grande espetáculo.

Arquivando e divulgando como nenhuma outra arte o que há de bom e de mau, tem uma função dinâmica de constante agitador das almas, influenciando diretamente nas decisões dos fracos e sugestionando os fortes. Não há idéia nova nenhuma nisso tudo que venho dizendo. Quis repetir êstes conceitos, ao tomar parte no Mês do Cinema Brasileiro, porque desejo pôr em foco uma atitude dos nossos amigos que nêle trabalham: todos têm procurado servir à sua arte sem esquecer aquela responsabilidade educativa de que há pouco falei. O cinema nacional vai lutando, vai conquistando a atenção, a boa vontade, a estima e às vezes a admiração; mas até agora não tisonou nenhuma das suas vitórias, não procurou ganhar dinheiro mediante a tendenciosa e sub-reptícia corrupção do seu povo.

Essa palavra de justiça é que eu vim aqui pronunciar com alegria".

Agora, com franqueza, não acham que encaixamos bem aqui a palestra do professor Roquette Pinto?



I.N.C.E. — Um aspecto da biblioteca, vendo-se a bibliotecária Sra. Hylda Smith de Vasconcelos consultando um livro

GILETE E GOMA ARÁBICA

A nós só nos restou fazer isto: colher notas na biblioteca do Instituto, dar um passeio pela casa e valer-nos da gilete, da goma arábica e do regular estoque de aspas para compor e armar esta reportagem.

No fim, espremendo-se tudo, ver-se-á que nossa contribuição original a este trabalho foi nula, precária, nulíssima!

Fiquem, portanto, atentos e mais adiante, quando tivermos de dizer alguma coisa sobre outra face interessante do cinema, como, por exemplo, sua invenção, observem que a gilete e a goma arábica vão entrar novamente na dança...

Nossa projeção de... trabalhos alheios é sempre realizada com perfeita nitidez, absoluta clareza e devida lealdade, esta fácil de ser comprovada, pelo uso freqüente que fazemos de aspas...

A CASA AMARELA DE SETE JANELINHAS

Precisávamos saber onde ficava o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Recurso: Lista Telefônica. Fomos logo à letra M, à procura do Ministério da Educação, a que se acha subordinado o Instituto, e com o dedinho descemos pela coluna abaixo até encontrá-lo assim figurando:

Inst Nac de Cinema Educativo

Gab Diretor Pç República... 43-9809

Discamos.

— O professor Roquette Pinto está?

— Só mais tarde. Neste momento se acha examinando num concurso no Museu Nacional.

— Muito obrigado. Alô, alô! Uma informação mais por obséquio: em que altura da praça da República funciona o Instituto?

— Neste prédio novo, ao lado da Casa da Moeda e nos fundos do antigo Senado Federal. O número é 141-A.

E assim consideramos: Ah! Então é aquele prédio novo, meio esquisito — um grande paralelepípedo amarelo, com sete janelinhas p'ra rua e sem porta. De estilo ou sem estilo, é coisa bem moderna...

Tomamos mais tarde o bonde 29. Dentro em pouco, a praça da República. À distância divisamos a parte do jardim já derrubada para a passagem da avenida Getúlio Vargas e, depois de uma voltinha, saltamos defronte do antigo Senado, onde Ruy tanto pugnou pela democracia, liberdade de imprensa, liberdade de pensamento, etc.

Afinal descobrimos a porta da casa amarela, com suas janelinhas lá no alto.

Uma área ao lado e em seguida o "hall", onde um *automatiquíssimo* elevador recebe a gente meio enfezado, com evidente mau humor e a querer fechar-se antes do tempo. E se o paciente não se defende com galhardia, leva

séria lambada pelo braço, que depois lhe deixará naturalmente gratas recordações...

O AMBIENTE NO I. N. C. E.

Saltamos no 2.º andar.

Recebe-nos o Dr. Sérgio Vasconcellos, secretário do Instituto, velho amigo, que conhecíamos desde 1929 na direção da revista "Phono-Arte", publicação de crítica musical que fez época.

Dissemos-lhe do propósito de fazer uma reportagem sobre o Instituto e lhe deixamos em mãos, à guisa de cartão de visita, algumas separatas de trabalhos nossos na *Revista do Serviço Público*, que oferecíamos ao professor Roquette Pinto. Como o diretor não estivesse, voltamos lá no dia seguinte.

O Dr. Sérgio Vasconcellos leva-nos primeiro ao gabinete do assistente Dr. Pedro Gouvêa Filho, a quem somos apresentados e também ao Sr. Humberto Mauro, chefe dos Serviços Técnicos.

Começamos a gostar de tudo — dos funcionários, da casa, onde notável passadeira vermelha lhe dá tanta vida; dos móveis e dos belos quadros, na maioria fotografias de cenas já filmadas pelo Instituto e que ali, assim mesmo isoladas, continuam ainda muito expressivas e muito atraentes. E esse ambiente acolhedor e de marcante distinção nos

fêz lembrar deste outro, onde também se faz excelente difusão cultural: o Instituto Nacional do Livro.

CONVERSANDO COM O PROFESSOR
ROQUETTE PINTO

Simples e afável, o professor Roquette Pinto fêz-nos sentar a seu lado e, com o hábito adquirido na cátedra, preferiu logo dar-nos as linhas gerais do programa de trabalho que traçou e está executando no Instituto. Fala, expondo. Sabe fazer-se entender facilmente, até mesmo quando trata de certos detalhes técnicos de preparação de um filme destinado a crianças. E reporta-se às suas antigas observações do inconveniente das legendas em filmes escolares, o que, aliás, ressaltou até na Alemanha, quando esteve nesse país estudando-lhe o progresso no ensino com o auxílio do cinema. E, sorrindo, acentuou:

— E lá chegaram à conclusão do inconveniente dessa prática, que aqui no Brasil já havíamos condenado.

— Mas, professor, como a criança pode entender uma cena se não lhe fôr explicada a legenda?

— Pode, sim! A questão está em preparar-se de forma inteligente o filme, que antes de tudo deve ser nítido, claro e lógico. Os filmes do Instituto ou levam êles mesmos a fala ou são acompanhados de discos ou, ainda, são explicados pelo professor. Se o filme não é sonorizado, nós o fazemos acompanhar de um roteiro, em folheto à parte.



I.N.C.E. — Uma vista da filмотeca, vendo-se, à sua mesa de trabalho, a filмотecária, Sra. Beatriz Roquette Bojunga

Se o professor sabe mais do que está no texto dêsse roteiro, melhor! Se sabe menos, então transmite aos alunos o que leu. Muito simples! Entretanto, o que havia e ainda há por aí é o seguinte: enche-se uma sala de crianças; passa-se um filme qualquer e, enquanto se faz isso, os professores preferem descansar um pouco à varanda da escola, o que, aliás, não chega a ser desagradável... E as crianças? Essas que se arranjam! Há pouco tempo disse-me uma professora que, numa escola dos subúrbios, quando se quer castigar um aluno, a advertência que se lhe faz é esta: "Você, aí, se continua assim, mando para o cinema da escola!" E o menino, apavorado, sossega logo...

Aí está como se transformou o cinema educativo em instrumento de suplício. Daí, pois, a nossa preocupação constante de melhorar cada vez mais a nossa produção, sobre-



I.N.C.E. — A filmotecária, na Secção de Distribuição, em consulta ao fichário de registro de escolas

tudo essa que se encaminha às escolas. Bem sei que o roteiro não foi negócio para certos professores, que prefeririam ficar à varanda... Natural. Agora, é mais um trabalhinho para eles, a obrigação de ler à criança o que foi escrito sobre o filme que está sendo passado.

— E é freqüente o fornecimento de filmes pelo Instituto a escolas?

— Muito freqüente. Aqui o Dr. Pedro Gouvêa Filho pode fornecer-lhe os dados estatísticos a respeito. Também na biblioteca D. Hylda Smith arranjará para o senhor outras informações sobre a casa. Bem, mas, como estava dizendo, os cinema nas escolas... Olhe, se lhe estou caceando, diga.

E o professor Roquette Pinto assim prosseguiu:

— Quando foi lançada a pedra fundamental do novo edifício do Ministério da Educação, fui eu o orador oficial. Disse então isto, que lhe vou repetir: Por que o Ministério da Agricultura proporciona facilidades aos lavradores, fornecendo-lhes arados, sementes, etc. para pagamento a longo prazo, e não se faz o mesmo com os diretores de colégios particulares, proporcionando-lhes também facilidades para aquisição de um projetor de cinema, um microscópio, etc.? Por que? Bastaria que o Governo abrisse no Banco do Brasil uma conta com êsse objetivo e, mediante o preenchimento de certos requisitos legais, pudessem os educadores comprar o que fôsse preciso aos seus estabelecimentos de ensino, pagando tudo em prestações.

E o professor Roquette Pinto concluiu por aconselhar-nos a leitura de seu relatório de 1942 e registro de informações posteriores.

— Depois, então, será mais fácil e proveitosa sua visita às secções técnicas.

NA BIBLIOTECA

Fomos fazer pequeno estágio na biblioteca, lugar sossegado e conveniente à leitura de belos livros sobre cinema e até... relatórios.

A bibliotecária, D. Hylda Smith, sabe orientar o visitante nas suas consultas, indicando-lhe as obras convenientes, com a exibição dos respectivos resumos em fichas que organiza logo que na biblioteca dão elas entrada.

Desejávamos tomar informes ainda mais completos e, por isso, várias pastas de papéis, contendo as cópias de trabalhos referentes ao Instituto, foram dispostas ao nosso lado. E foi assim que descobrimos aquela interessante palestra do Prof. Roquette Pinto sobre cinema educativo e cinema instrutivo, publicada no início desta reportagem, e aquela outra do Sr. Humberto Mauro sobre a invenção do cinema.

Quando já havíamos tomado as notas essenciais para compor esta reportagem quanto ao histórico do Instituto, legislação e dados estatísticos, passamos naturalmente a colher informações sobre a própria biblioteca.

Logo de início observamos a segurança de D. Hylda Smith de Vasconcellos no prestar os informes desejados. Reportando-se à instalação inicial da biblioteca, assim se expressou:

— Desde a fundação desta casa, quando era ainda a "comissão instaladora do I.N.C.E.", adquirimos o primeiro conjunto de livros necessários aos nossos trabalhos. E logo depois das aquisições iniciais, o nosso diretor, o Prof. Roquette Pinto, achou por bem oferecer 620 obras em 707 volumes, todas de alto valor, pois, como é fácil de calcular, faziam parte da sua própria biblioteca, o que importa dizer, obras realmente selecionadas.

— Mas, então, aqui só há obras especializadas sobre cinema?

— Não. Também seria especialização exagerada... Uma obra, por exemplo, como a "Encyclopédie Française" é imprescindível em qualquer biblioteca... Mas não é só esta. Trabalhos sobre ciências puras ou sociais, história, geografia, literatura, arte, etc., devem figurar aqui.



I.N.C.E. — Flagrante da visita do Sr. Nelson Rockefeller, Coordenador de Assuntos Interamericanos, quando de sua estada no Rio

Passamos depois a indagar da forma por que foi organizada a biblioteca do I.N.C.E. e fizemos então a D. Hylda a seguinte pergunta :

— Naturalmente a Sra. valeu-se de biblioteca semelhante para dar feição adequada a esta...

— Bom seria se realmente tivéssemos tido essa ajuda... Devo dizer-lhe que, no país, pela primeira vez se organiza uma biblioteca sobre cinema e, por essa razão, foi necessário um estudo prévio das obras, quanto aos assuntos, para sua formação, de forma a corresponder eficientemente à sua principal finalidade, que é a de fornecer documentos e material aos que se dedicam à edição de filmes educativos. Não medimos esforços para trazer os nossos leitores ao par de todo o movimento mundial sobre congressos, inquéritos, pesquisas, publicações, etc., referentes ao cinema educativo, seja mantendo correspondência com as instituições estrangeiras oficiais ou particulares, seja procurando atualizar as aquisições sobre esse assunto, ou classificando e selecionando os artigos da maior importância publicados em revistas estrangeiras e traduzindo-os para serem oportunamente divulgados em publicações do I.N.C.E.; seja traduzindo trechos de obras técnicas e revistas também técnicas e ainda mantendo em dia as estatísticas sobre cinema

educativo no mundo : número de escolas, colégios que empregam esse meio visual de ensino, número de projetores que possuem, etc.

— Quantos volumes possui a biblioteca sobre assuntos referentes exclusivamente a cinema?

— A nossa biblioteca especializada é formada por 360 volumes que, depois de devidamente registados no livro de inventário, são classificados no catálogo-dicionário, em fichas por ordem alfabética de autores, de títulos e de assuntos, que são aliás dezessete, os relativos ao cinema : aspecto social, bibliografia de cinema, cenários, censura, crítica, desenho animado, dicionários, documentários, cinema educativo, estética, arte, história, legislação, maquilagem, montagem, cinema sonoro e técnica.

Há tempos estive em visita à nossa biblioteca uma técnica americana, que achou interessante a maneira por que, na ficha de assunto, anoto as referências sobre cada obra de cinema que possuímos, para auxiliar os que consultam essa parte da nossa biblioteca, facilitando assim a escolha do livro necessário. Não lhe interessaria ver uma dessas fichas?... Justamente tenho uma à mão sobre uma das obras indispensáveis a toda biblioteca que trate de ci-

nema: é "The Audio-Visual Handbook", de Ellsworth Dent, autoridade no assunto nos Estados Unidos, país onde o cinema educativo é empregado intensamente nas escolas.

— E' grande o interesse pelas obras sobre cinema?...

— Além dos leitores que são estranhos à casa e que vêm em grande número visitar a nossa biblioteca, temos os pedidos de professores dos Estados sobre os livros mais necessários ao estudo e emprêgo do cinema educativo; então envio-lhes listas de livros e revistas sobre o assunto e os endereços onde poderão adquiri-los, mas creio que só dificilmente os conseguirão neste momento. Ofereço-lhes também cópias de artigos já traduzidos de revistas estrangeiras, que lhes podem ser de utilidade na organização da biblioteca, ainda que pequena, e na manutenção do aparelhamento.

— De quantos livros consta a biblioteca da casa?

— O acervo bibliográfico é hoje de 1.950 obras em 2.460 volumes, 226 revistas, entre nacionais e estrangeiras, com 4.485 números, e ainda 4 bibliofilmes.

MODELO DE UMA FICHA

A título de curiosidade, reproduzimos aqui uma ficha da biblioteca do I.N.C.E. Refere-se justamente ao "Audio-visual handbook", a que fizemos referência linhas atrás:

CINEMA EDUCATIVO

AUDIO-VISUAL HADBOOK, The
Dent, Ellsworth C.

Publ. The Society for Visual Education, Inc. Chicago
1937. — 180 pg.

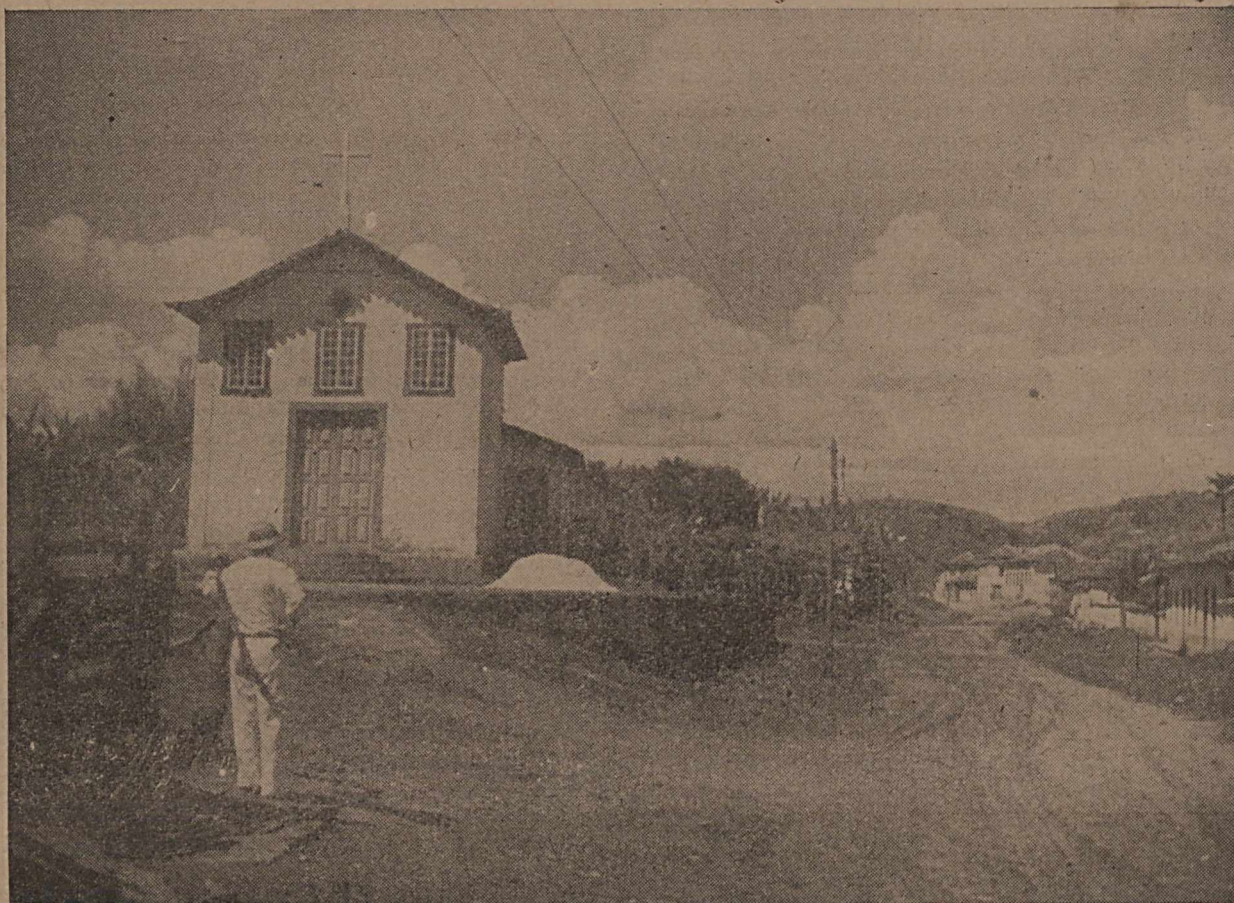
Est. IX

Prat. I

Liv. 8 Nota: Escrito especialmente para quem se dedica ao ensino, esta excelente obra informativa, de caráter prático, apresenta de maneira analítica os diferentes tipos de material didático, empregados sucessivamente para facilitar a árdua e delicada missão do educador. Passam assim, sob os olhos do leitor, como num filme às vezes em câmera lenta, outras vezes em acelerada, os meios mais conhecidos e mais ou menos utilizados como auxiliares de ensino, desde o quadro negro até as projeções fixas e animadas. Dent preconiza o aproveitamento de vantagens inerentes aos progressos da técnica moderna na escola, encarando a possibilidade do rádio combinado com a imagem, e também da televisão, terem futuramente úteis aplicações no ensino.



I.N.C.E. — O professor Roquette Pinto mostrando a Walt Disney um álbum de fotografias



I.N.C.E. — Uma vista de Lagoa Santa, tomada do filme sobre Lund

Adotando as conclusões de vários inquéritos, o autor delimita do seguinte modo a esfera de utilização e o papel dos auxiliares visuais que, precisamente por serem apenas auxiliares, não podem pretender substituir o livro e menos ainda o professor.

1 — Para se obter o máximo proveito dos auxiliares visuais é preciso que sejam utilizados no momento preciso em que a explicação oral do professor necessita deles; devem estar à disposição do professor, que os empregará no segundo julgado oportuno e do modo que lhe parecer mais proveitoso.

2 — Alguns dispositivos bem selecionados darão melhor resultado que uma longa projeção mal dirigida e da qual é difícil se extrair as noções essenciais.

3 — Tipo algum de auxiliar visual deve ser preferido com exclusividade de outro, porque cada um tem o seu valor intrínseco e oferece possibilidades de ser útilmente empregado.

Tais são em linhas gerais as considerações do autor, que teve como fito ajudar e guiar o professor na escolha dos auxiliares visuais, que proporcionam ao ensino resultados mais rápidos com o menor dispêndio de esforços. É uma obra que todo professor precisa consultar.

À página 160 da edição de 1942 temos a estatística dos projetores em uso nas escolas e colégios dos Estados Unidos até o ano de 1941.

1. Cinema Educativo. 2. Técnica.

CINEMA SONORO E A EDUCAÇÃO

Na biblioteca do I.N.C.E. fomos encontrar um livro interessante: *Cinema Sonoro e a Educação*, tese apresentada e aprovada no primeiro concurso de técnicos de educação realizado pelo D.A.S.P. e no qual foi classificado o Dr. Roberto Assumpção de Araujo, hoje do nosso corpo diplomático, servindo na Divisão Política do Ministério do Exterior. Também tivemos ensêjo de ver na mesma biblioteca a revista *Films*, editada em Nova York e da qual há um número inteiro consagrado especialmente aos filmes produzidos pelos governos dos países americanos. Nêle se encontra ainda um trabalho do Dr. Roberto Assumpção de Araujo, focalizando "as realizações do Governo brasileiro no setor cinematográfico" (*"Films"*, vol. I, n. 3, Summer 1940).

Agrada-nos registrar que, em comparação com os de outros países, a organização do cinema educativo no Brasil é realmente de primeira ordem.

HISTÓRICO DO CINEMA EDUCATIVO NO BRASIL

No Brasil, o emprêgo do cinema no ensino e na pesquisa científica pode ser datado de 1910, quando foi iniciada a filмотeca do Museu Nacional, e que mais tarde a Comissão Rondon enriqueceu notavelmente.

Em 1912, o professor Roquette Pinto trazia da Rondônia os primeiros filmes dos Índios Nambikwaras, películas que foram em 1913 projetadas no salão de conferências da Biblioteca Nacional.

À Comissão Rondon coube seguramente o mérito de haver documentado largamente as suas explorações geográficas, botânicas, zoológicas e etnográficas em filmes admiráveis, que constituem hoje valioso patrimônio.

Desde então, o cinema educativo foi empregado com sucesso em diversos pontos do país, para o ensino primário, secundário e superior.

Não havia, entretanto, medidas legislativas que estabelecessem as bases de sua utilização regular.

Em 1929, o Sr. Fernando de Azevedo, diretor do Departamento de Educação do Distrito Federal, determinou o emprêgo do cinema em tôdas as escolas primárias do Distrito Federal.

Nesse mesmo ano, a utilização da película — non flam 16mm. — veio facilitar muito o cinema escolar. O professor Jonathas Serrano, da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal, inaugurou oficialmente o movimento com a Primeira Exposição de Cinematografia Educativa, em 1929.

A Censura Cinematográfica era regulada por disposições especiais de cada Estado do Brasil e sua execução entregue à polícia local, da cidade, vila ou lugarejo, onde se exhibia o filme.

Em 1931, a Associação Brasileira de Educação pediu a ação do Governo para o caso e propôs que se transformasse a censura policial em censura cultural, uniformizando o processo de exame dos filmes e nacionalizando os seus serviços.

Em virtude do decreto n. 21.240, de 4 de abril de 1932, o Presidente Getúlio Vargas assinou a lei que nacionalizou o serviço de censura, e que de fato marcou a eclosão do cinema nacional.

Esta lei permitiu o aparelhamento de inúmeros filmes nacionais, facilitou o desenvolvimento da indústria exhibidora e incrementou o número de casas de espetáculos no território nacional, que a estatística de 1933 estimava em 1.683.

Por força desse decreto e custeada pela "Taxa de Censura", o Ministério da Educação publicou durante dois anos a *Revista Nacional de Educação*, distribuída gratuitamente em tôdas as cidades do Brasil.

Em 1933 foi criada no Distrito Federal a Biblioteca Central de Educação, com uma divisão de cinema educativo para fornecer filmes às escolas públicas do Rio de Janeiro. O código de Educação, publicado no mesmo ano no Estado de São Paulo, adotava nova disposição relativa ao desenvolvimento do cinema escolar.

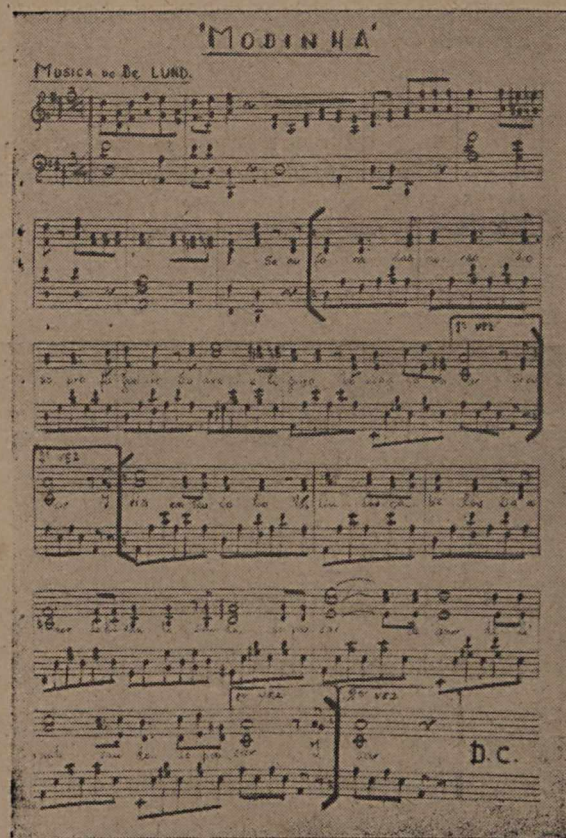
Em 1934 o decreto n. 24.651 cria no Ministério da Justiça o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, incluindo entre suas atribuições a censura cinematográfica que fazia parte do Ministério da Educação.

Pode-se assinalar, também, a publicação de duas obras especializadas sobre o assunto: *Cinema e Educação*, dos professores Jonathas Serrano e Venâncio Filho, e *Cinema Contra Cinema*, do Sr. Mendes de Almeida.

Apesar das diversas iniciativas, o cinema educativo ainda não tinha no Brasil uma organização sistemática com finalidades e recursos que lhe garantissem completo êxito.

Era esta a situação quando o ministro Gustavo Capa-nema levou ao Presidente Getúlio Vargas a sua exposição de motivos referente à criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo, a título de ensaio e em caráter de comissão.

Por ato de 10 de março de 1936, no despacho do processo n. 5.882 de 1936, do Ministério da Educação, o Presidente Getúlio Vargas criou a comissão instaladora do



I.N.C.E. — Composição musical atribuída a Lund

Instituto Nacional de Cinema Educativo (Em projeto de lei apresentado em 1935 à Câmara dos Deputados, já havia sido prevista a criação do mesmo Instituto).

A INSTALAÇÃO DA COMISSÃO

Em virtude, portanto, do despacho acima, foi instituída a Comissão Instaladora do I.N.C.E., começando a trabalhar no edifício Fernando Vaz, à rua Alcindo Guanabara n. 15-A, salas 201 4, no dia 21 de março de 1936, véspera da data em que em 1895 Louis Lumière fez sua primeira exibição pública do cinema. E na solenidade da referida instalação foi inaugurado o retrato autografado de Lumière, oferta do

professor Francisco Venâncio Filho à Comissão. No dia 17 de setembro de 1936, mudou-se a Comissão da rua Alcindo Guanabara para a rua da Carioca n. 45 — 3.º andar, onde esteve até 3 de novembro de 1941, quando se transferiu para o prédio novo da praça da República n. 141-A.

A CRIAÇÃO FINAL DO I. N. C. E.

Embora já estivesse funcionando uma *Comissão instaladora* do I. N. C. E., este não existia ainda oficialmente. Faltava o essencial: o decreto de sua criação, ou dispositivo legal semelhante, e este veio neste artigo da lei n. 378, de 13 de janeiro de 1937, que deu nova organização ao Ministério da Educação:

“Art. 40. Fica criado o I. N. C. E., destinado a promover e orientar a utilização da cinematografia, especialmente como processo auxiliar do ensino e ainda como meio de educação em geral”.

FINALIDADE

Art. 1.º O Instituto Nacional de Cinema Educativo, diretamente subordinado ao Ministro de Estado da Educação e Saúde de acordo com a legislação, é o órgão orientador da utilização da cinematografia como meio auxiliar de educação e ensino.

Compete-lhe:

a) Editar filmes educativos populares (standard) e escolares (sub-standard) assim como diafilmes para serem divulgados dentro e fora do território nacional;

b) Prestar assistência científica e técnica à iniciativa particular desde que a sua produção industrial ou comercial seja de cinematografia para fins educativos.

Parágrafo único. Para desempenhar sua finalidade o Instituto manterá uma filmoteca; divulgará os filmes de sua propriedade, cedendo-os por empréstimo ou por troca às instituições culturais e de ensino, oficiais e particulares, nacionais e estrangeiras; e fará publicar uma revista consagrada especialmente à educação pelos modernos processos técnicos (cinema, fonógrafo, rádio, etc.).

Editar filmes:

Os filmes escolares editados pelo I. N. C. E. em 16mm são realizados de acordo com os programas oficiais de ensino e destinam-se aos colégios e escolas de ensino primário, secundário e superior.

Q 16mm é chamado filme *sub-standard* — non flam — universalmente adotado para o filme escolar, pesquisas, intercâmbio, propaganda, etc.



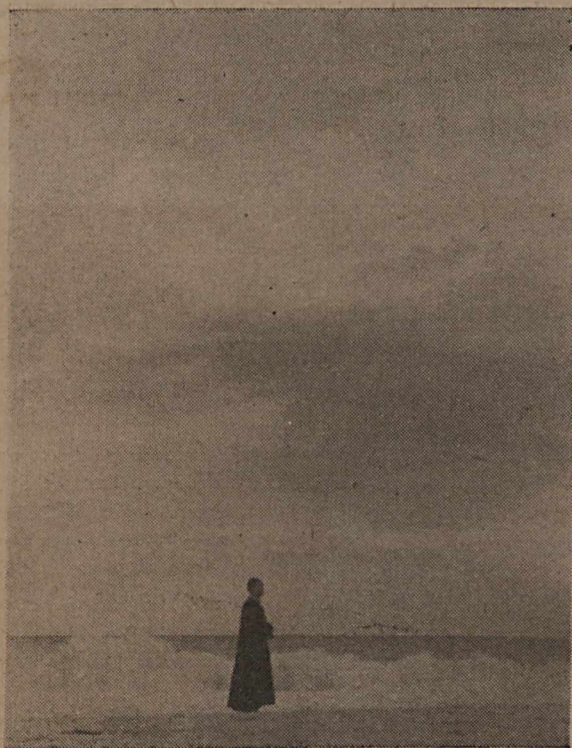
I. N. C. E. — Cena do filme "Bandeirantes". A morte de Fernão Dias Paes

O 35mm é o filme *standard* — bitola adotada na cinematografia industrial e extra-escolar.

O PROJECTOR DE 16mm AO LADO DO DE 35mm

Procuramos ter esclarecimentos do técnico Humberto Mauro sobre estes dois tipos de filmes. E eis o que nos disse :

"No Brasil, infelizmente, os cinemas até agora só possuem projetores para filmes de bitola de 35mm, o que não acontece na maioria dos países europeus e nos Estados Unidos, onde os cinemas possuem sempre o projetor de 16mm ao lado do de 35. Entretanto, o I.N.C.E. não poderia desprezar esse maquinismo organizado, que o Brasil já possui, e também sua cadeia de cinema, relativamente ampla, aliás o único veículo de apresentação de seus filmes ao povo. E por isso o Instituto se encontra aparelhado para quaisquer serviços relativos a filmes de 35 e 16mm, desde as filmagens, revelações, sonorizações, montagens, cópias,



I.N.C.E. — Anchieta, na praia de Iperoig, onde escreveu na areia o seu poema "A Virgem". O apóstolo estava então como refém dos índios, enquanto Nóbrega negociava a paz com os Tamoios

até os serviços especializados de reduções de 35mm para 16, ampliações de 16 para 35mm, fotografias intermitentes, microcinematografias, desenhos animados, etc.

Aparelhado como está, o I.N.C.E., além do filme didático, documenta a atividade nacional em todos estes setores: História pátria, páginas da literatura brasileira, trabalhos de engenharia e medicina, ensino técnico profissional, vida de nossos músicos, documentando as principais obras de sua produção artística, etc."

PESQUISAS CIENTÍFICAS ORIGINAIS

— E no setor científico, que tem feito?

— O Brasil, com a organização dada ao I.N.C.E., tornou-se um dos poucos países do mundo que podem proporcionar, gratuitamente, a todos os pesquisadores preciosos elementos para a documentação dos seus trabalhos.

Constituem das mais interessantes películas produzidas pelo Instituto, nesse gênero de documentação: "Propriedades Elétricas do Poraquê" e "Miocardio em Cultura" — do professor Carlos Chagas Filho; "Morfogênese das Bactérias" — do saudoso professor Cardoso Fontes; "Estudos de Fisiologia" — do professor Miguel Osório; "Vacina contra a febre amarela" — da Fundação Rockefeller; "Coração físico de Ostwald" — do professor Roquette Pinto; é ultimamente "Convulsoterapia Elétrica" — do professor Oscar D'Utra e Silva, etc.

O FILME DE 16mm SONORO

E o técnico Humberto Mauro esclarece-nos ainda :

— O Instituto inaugurou no Brasil o filme 16mm sonoro, preto e branco, em cores naturais e o cromofilme, também sonoro.

O professor Roquette Pinto acha que "desprezar o som no cinema educativo é abrir mão de 50% das probabilidades de sucesso". Infelizmente, no momento atual, é impossível a aplicação do cinema sonoro em todas as escolas, pois, na sua maioria, estas não possuem equipamentos sonoros.

(Lembramo-nos então da idéia do professor Roquette Pinto de facilitar-se aos educadores a aquisição de tais equipamentos). Independente disso, foram abolidas por completo as legendas nos filmes do I.N.C.E.

— Aliás, o senhor já teve esclarecimento a respeito, de nosso diretor. A abolição das legendas, sobretudo nos filmes educativos, foi grande coisa. A legenda sempre constituiu uma excrecência, dentro da continuidade e grande empecilho para um bom cenário. Por melhor que seja redigida e colocada, quebra sempre o curso geral das cenas. E isto, no filme escolar, é um desastre. O I.N.C.E., para a sua produção, estabeleceu alguns postulados que podem ser assim resumidos :

Todo filme do Instituto deve ser :

- 1.º — Nítido, minucioso, detalhado;
- 2.º — Claro, sem dubiedade para a interpretação dos alunos;
- 3.º — Lógico no encadeamento de suas seqüências;
- 4.º — Movimentado, porque no dinamismo existe a primeira justificativa do cinema;
- 5.º — Interessante no seu conjunto estético e nas suas minúcias de execução, para atrair em vez de aborrecer.

A INVENÇÃO DO CINEMA

Na parte referente à comissão instaladora do I.N.C.E. falamos em Lumière, a quem se atribui a invenção do cinema. Há, entretanto, controvérsia sobre a paternidade da grande invenção. A propósito, no dia 13 de dezembro



I.N.C.E. — Cena do filme "Bandeirantes". Crianças indígenas de S. Paulo, todos alunos de Anchieta

último, o Sr. Humberto Mauro proferiu no rádio a seguinte palestra :

"Recebi, há dias, de um ouvinte amigo, uma carta que se presta a vários comentários.

O meu amigo diz o seguinte, em certa passagem da referida carta : — "...ora veja, senhor Mauro, Lumière quando morreu, estava longe de imaginar que o seu invento — o Cinematógrafo — viesse a ser a maravilha que todos nós hoje admiramos,... etc., etc."—

Antes de entrar em considerações sobre essa questão de "invenção do Cinema", quero dizer que quando Lumière morreu já o Cinema estava no grau de desenvolvimento técnico e artístico em que está hoje. Já existia o Cinema falado. O Instituto Nacional de Cinema Educativo possui na sua filmoteca um filme de 9,5mm (o antigo Pathé Baby) — falado, intitulado *Quarenta anos de cinema*, onde aparece Lumière respondendo ao microfone uma série de perguntas interessantíssimas.

* * *

"Vamos, agora, à questão da "invenção do Cinema", ou melhor, conversar sobre as origens do Cinema.

Eu sempre achei meio arriscado a gente afirmar que Fulano ou Beltrano foi o autor de tal ou qual invento.

O professor Roquette Pinto, na conferência que realizou há pouco tempo, na Academia Brasileira de Letras, sobre a "*Ciência e a Reconstrução do Mundo Democrático*", disse o seguinte : — "...nenhuma construção científica nasceu jamais íntegra e acabada de um homem só. Antes do descobridor houve sempre numerosos pioneiros que lhe abriram o caminho e depois dele numerosos continuadores que aperfeiçoaram a sua conquista".

Com o Cinematógrafo aconteceu e ainda está acontecendo exatamente isso.

Se é que o Cinema precisa ter um "pai", êsse deve ser Marey, não Lumière.

ESTEVÃO JULIO MAREY, o "pai do Cinema", grande fisiologista francês, nasceu em Beaune em 1830 e morreu em 1904.

Vou procurar transmitir aos meus caros ouvintes o que, há tempos, li sobre as "origens do Cinema".

Foram muitos os pioneiros e estão sendo numerosos os que continuam a aperfeiçoar.

A coisa começou assim :

Os astrônomos, há muito, procuravam fotografar os movimentos dos astros.

FAYE, principalmente, pensava nessa realização já em 1849, CORNU em 1873 conseguiu quatro provas fotográficas dos movimentos do Sol, numa única placa. JANSEN, em 1874, com um revólver fotográfico, no qual a placa sensível se movia, alcançou a passagem de Venus no disco solar.

A duração da pose era muito longa, porque as emulsões não eram bastante sensíveis para permitir uma exposição mais rápida.

Somente em 1880, VAN MONKHOVEN conseguiu a fabricação de placas com emulsão impressionável numa fração de segundo. Então, em 1882, MAREY fabricou uma espingarda fotográfica, com a qual obteve 18 imagens por segundo.

Ainda no mesmo ano, conseguiu a cronofotografia sobre placa fixa, fazendo girar diante da placa um obturador formado de um disco com fendas.

Em 1888 MAREY fez experiências com um espelho giratório, que refletia a imagem no aparelho fotográfico sobre diversos pontos da placa que era imóvel. A película já tinha sido descoberta por TERRIER, em 1897, e utilizada em 1885, por EASTMANN na sua Kodak. MAREY compreendeu logo as vantagens que poderiam advir com o uso da película, que permitia o deslocamento da emulsão impressionável.

E assim, ainda em 1888, construiu ele um aparelho onde a película, enrolada numa bobina superior, passava diante de uma abertura onde recebia a imagem e depois era de novo enrolada numa outra bobina inferior.

Para fazer parar o filme na abertura do obturador, ele empregou de início um electro-ímã, depois substituiu o eletro-ímã por uma pinça fixa. Foi assim construída, por bem dizer, a primeira Câmara de Cinema.

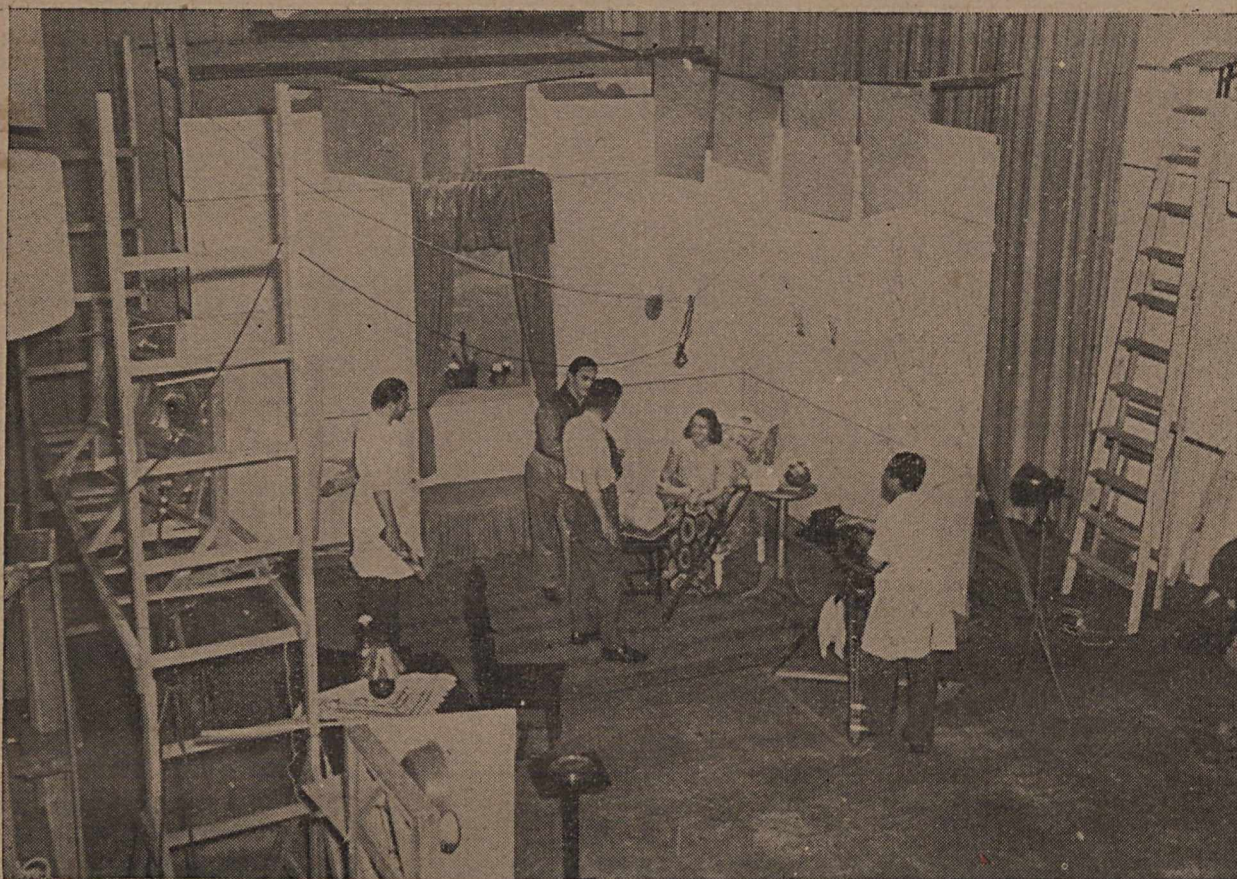
MAREY conseguiu, com esse aparelho, perceber os movimentos rápidos que os olhos não podem observar diretamente: — o galope do cavalo, corridas, saltos, vôos dos pássaros, etc., etc.

Todos esses estudos foram comunicados à Academia de Ciências. A Câmara de MAREY começou a ser aperfeiçoada. Em 1892, DEMENEY, para fazer parar o filme em frente ao obturador aberto, substituiu a "pinça de Marey" pelo tambor dentado. Três anos depois, em 1895, foi que LUMIÈRE começou a utilizar as garras, que foram destronadas pela Cruz de Malta. Para garantir a precisão, LUMIÈRE começa também, na mesma data, a perfurar os seus filmes, imitando E. REYNAUD.

Em 1897, EDISON faz de cada lado da película quatro furos retangulares, por imagens.



I.N.C.E. — Uma cena do filme "O segredo das asas", documentário realizado em nossa Escola Aeronáutica



I.N.C.E. — Aspecto tomado no estúdio durante a filmagem de uma cena do filme "O segredo das asas", de Maria Eugênia Celso, com a colaboração da F.A.B.

MAREY, aliás, nunca admitiu êsses aperfeiçoamentos e afirmava, na sua patente, tirada em 1896, não serem êles necessários.

Não era êle um grande mecânico, embora possuísse o dom da mecânica e um espírito altamente inventivo. Também não podia aperfeiçoar devidamente as suas máquinas porque, exatamente por possuir um espírito inventivo, dispensava nas suas oficinas instalações complicadas e onerosas. O seu laboratório era na sua própria residência, onde o ajudavam dois humildes mecânicos e alguns discípulos.

Alguns anos antes de morrer, fundou MAREY, no Parc des Princes, em Boulogne, o Instituto Internacional, que hoje tem o seu nome.

O Instituto fica ao lado da Estação Fisiológica e nesse local o grande fisiologista trabalhou durante a maior parte de sua vida.

No Instituto Marey nasceram grandes invenções relativas ao Cinema. Nêle, BULL estudou os movimentos mais rápidos: — O vôo dos insetos, a projeção das balas, etc.

NOGUES, no mesmo local, mais tarde, descobriu o ultra-cinema, com o qual obtinha até quarenta imagens normais, por segundo. Há no Instituto Marey um monumento que é o túmulo do Mestre. Nos seus últimos

dias, foi êle alvo de críticas injustas, mas o fato é que o seu aparelho foi e será o *primeiro cinematógrafo*. MAREY pode ser considerado "O pai do cinema".

PRODUÇÃO DO I.N.C.E.

Vamos dar em seguida a produção do Instituto desde sua fundação até 1943.

Filmes de 16mm : 216, com 21.519 metros; e de 35mm, 41, com 13.172 metros. Assim, temos um total de 257 filmes, com 34.691 metros, correspondentes aos originais.

Além dos filmes que edita, o I.N.C.E. faz cópias dos que produz para prover sua filmoteca, de forma a poder atender com eficiência às escolas que os solicitam.

Os filmes de 16mm são escolares, de reportagens ou de documentação artística e científica.

Dentre os últimos filmes produzidos pelo Instituto, em 1942 e em 1943, podem ser citados os seguintes: "Convulsoterapia elétrica", pelo professor D'Utra e Silva; "O Coração físico de Ostwald", documentação de filme pedagógico pelo professor Roquette Pinto; "Miocárdio — Cultura — Potenciais de ação", pesquisas do professor Carlos Chagas Filho; "Sífilis vascular e nervosa" e "Peças anatômicas", estudos em dois filmes de Mac Clure; "Estrofia da bexiga", cromofilme, técnica operatória pelo Dr. Raul Batista.

Documentação da indústria brasileira: Fabricação de lâminas para navalha. Indústria de perfumes. Montagem de motores. Trefilação (fabricação de fios e cabos para eletricidade).

Aspectos geográficos do Brasil: Cidades de Minas. Vale do Paraíba. Rio Bonito. Campinas. Aspectos do Nordeste

Filmes históricos: Museu Imperial de Petrópolis.

Documentação artística: Carlos Gomes (O Guarani — 3.º ato — Invocação dos Aimorés); "O Despertar da Redentora"; "Hino à Vitória"; "Henrique Oswald" (bibliografia do maestro, documentando as principais obras de sua produção artística); e ainda filmes de documentação tais como "Manganês", "Grafite", etc.

FILMOTECA

Deram entrada na Filmoteca até 1943 filmes produzidos pelo próprio Instituto e a que já nos referimos em parte, e também aqueles que foram adquiridos por compra, oferta ou permuta, nestas quantidades: de 16mm, 211, com 24.250 metros; e de 35mm, 97, com 27.804 metros; num total de 308, com 52.054 metros.

Atualmente possui a Filmoteca, entre filmes editados pelo Instituto e adquiridos, 587, com 86.745 metros, correspondentes aos originais. Esses filmes adquiridos são submetidos

préviamente à censura de uma comissão composta de técnicos do Instituto.

Deve-se considerar bem que nessa metragem não estão compreendidas as cópias, que se elevariam, sem dúvida, a metragem avultadíssima.

Em 1943 estavam em circulação 587 filmes e 110 diafilmes, entre editados e adquiridos pelo Instituto.

ASSISTÊNCIA A ESCOLAS E INSTITUIÇÕES DE CULTURA

Por intermédio de sua Secção de Distribuição, está o I.N.C.E. em permanente contato com escolas e instituições culturais.

Eis o movimento dessas relações até 1943:

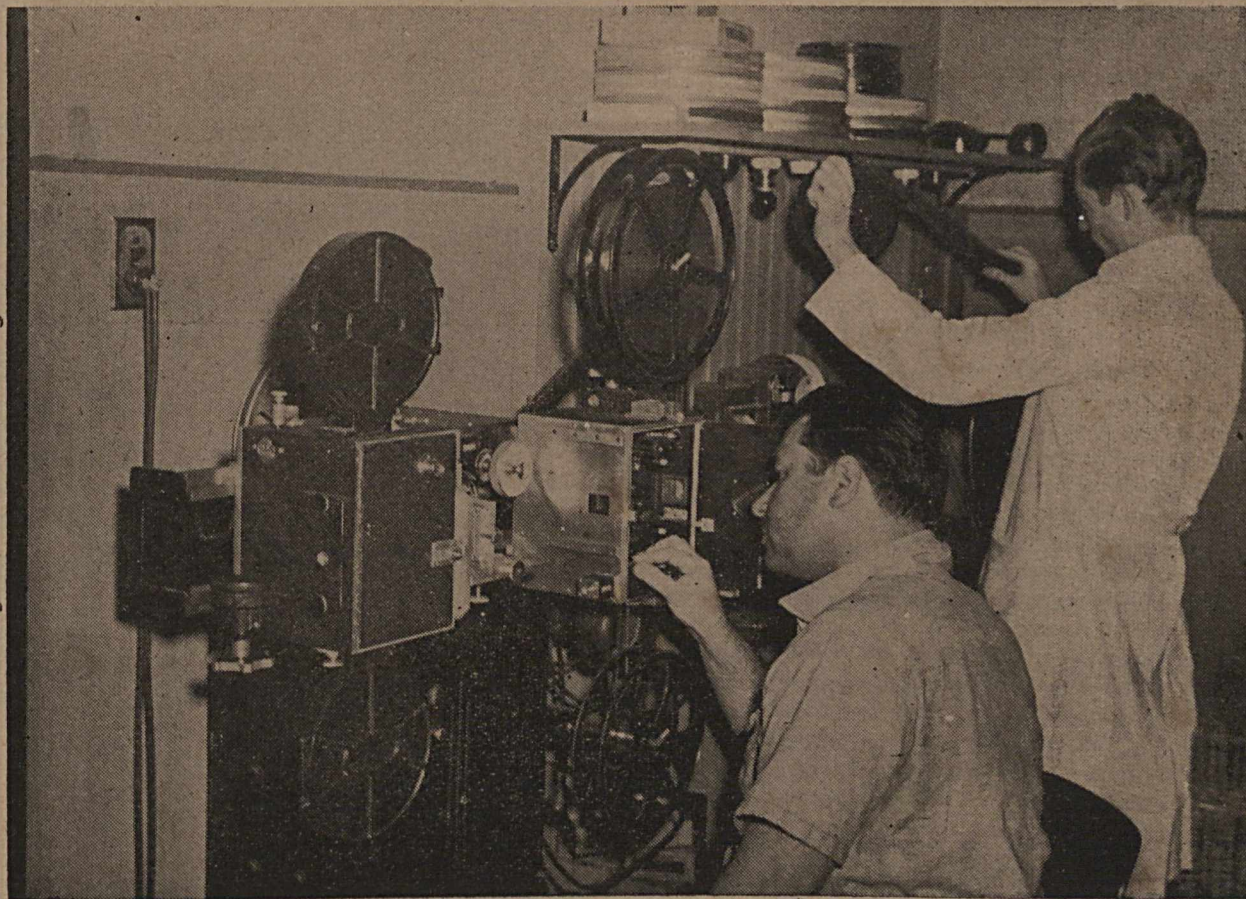
Escolas registradas: 232, sendo 131 no D.F. e 101 nos Estados;

Projeções realizadas nas escolas: 7.195;

Projeções realizadas em instituições culturais: 934;

Empréstimo de projetores: 324.

À Escola 34, em Caxias, no Estado do Rio, foi enviado um técnico do I.N.C.E. para ensinar aos professores o manêjo do projetor de 16mm mudo. Colaboração semelhante foi prestada a outros estabelecimentos de ensino.



I.N.C.E. — Máquina para redução de filmes de 35 mm para 16 mm e ampliação dos de 16 mm para 35 mm

O I.N.C.E. trocou em 1942, como nos anos anteriores, correspondência com vários colégios, dando-lhes instruções para aquisição de projetores e tratamento acústico de salas de projeção.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

O I.N.C.E. dá assistência técnica a diversas entidades públicas fazendo cópias ou montando ou sonorizando filmes.

Ao D.A.S.P., por ocasião de sua exposição em julho de 1942, no edifício do Ministério da Educação, ofereceu a seguinte contribuição: sonorização de dois filmes: "Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde" e "Recenseamento de aparelhos radi-receptores".

Na Faculdade Nacional de Medicina, por solicitação do professor Carlos Chagas, foi feito, no laboratório de física, o filme "Miocárdio — Cultura — Potência de ação", estudo sobre potências elétricas do miocárdio embrionário da galinha. Este filme e mais uma série de diapositivos foram realizados para documentar as palestras feitas no Uruguai por aquele professor, em missão de intercâmbio cultural uruguaio-brasileiro.

"CÉU DO BRASIL"

Entre as produções do Instituto tivemos ensêjo de ver "Céu do Brasil", trabalho que figurou na "Feira Internacional de Veneza" em 1938, ao lado da "Vitória Régia", também organizado pelo I.N.C.E.

"Céu do Brasil" foi considerado verdadeira "trouvaille" nos métodos de demonstração educativa da esfera celeste. E' uma espécie de cine-planetário de indiscutível alcance prático. Substitue de algum modo os planetários de custo fabuloso, dos quais a própria Itália só possui dois: um em Roma e outro em Milão.

Editando o "Céu do Brasil", o Instituto premuniu-se de forma a poder fornecer por custo pequenissimo (200 cruzeiros) um equivalente àqueles prodigiosos engenhos, de valor que se eleva a milhões de cruzeiros!

"BANDEIRANTES"

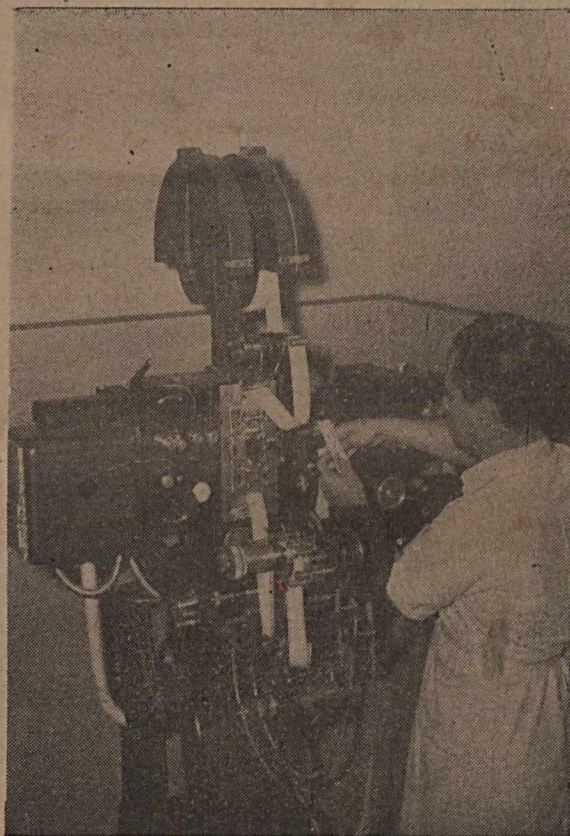
O filme "Bandeirantes" constitui a película de maior metragem até hoje realizada pelo Instituto. Tivemos ensêjo de admirá-lo por ocasião de nossa visita à casa. Divide-se ele em duas partes: a primeira referente ao "ciclo de desbravamento", com aspectos da função de São Paulo e alguns episódios da catequese de índios por Anchieta e de fatos em que tiveram participação João Ramalho e o cacique Tibiriçá. A penetração de Raposo Tavares pelo oeste brasileiro, através de mil perigos, e sua chegada ao forte Gurupá, no Pará, depois de haver descido o rio Madeira, subindo o Amazonas, o rio Napo, até Quito, e seu regresso a Quitauína, em São Paulo, é revelada nesse filme de forma a deixar para sempre bem viva na lembrança essa página da nossa história, contada de forma muito clara e objetiva.

A segunda parte do filme mostra-nos o roteiro de Fernão Dias Paes Leme pelo interior de Minas. Acharmos mais empolgante que a referente a Raposo Tavares. A morte de Fernão Dias Paes Leme, sacrificado pelo impudismo, constitui excelente trabalho do ator J. Silveira, que soube manter perfeita linha em tôda a longa representação. Quanto à sonoridade do filme, não poderia ser melhor.

"LAGOA SANTA"

E' bastante documentado esse filme, que nos mostra a vida de Peter Lund em Lagoa Santa. Poesia, ciência e história é o que se sente na passagem da película, que nos proporciona ensêjo de ver até o mistério das famosas grutas daquela região que compreende os municípios de Sete Lagoas, Santa Luzia, Curvelo e Pedro Leopoldo.

Cerca de 800 cavernas foram visitadas e exploradas por Lund.



I.N.C.E. — Máquina para copiar cena e som (filme de 35 mm)

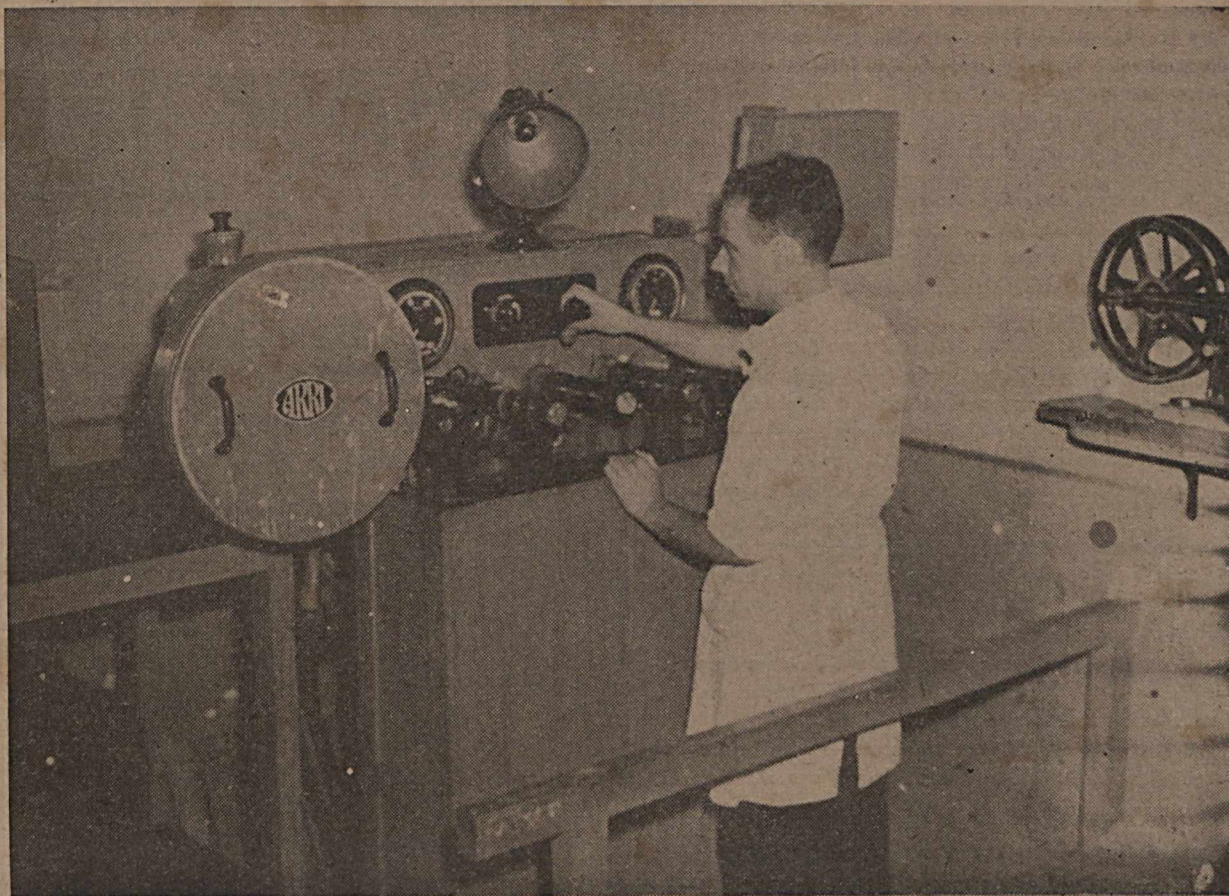
Vê-se a lapa do Sumidouro, junto ao arraial do mesmo nome. Foi com ossos humanos aí descobertos por Lund que se tornaram conhecidos os primeiros representantes de uma raça que habitou em tempos muito remotos grande parte do continente sul-americano. E' a raça Paleamericana ou Raça da Lagoa Santa.

Aspectos bucólicos dêsse recanto de Minas dão ao filme interessante apresentação, que agrada e nos prende de fato a atenção.

"O DESPERTAR DA REDENTORA"

Vimos também o filme "O Despertar da Redentora", adaptação cinematográfica de um conto da Sra. Maria Eugênia Celso.

A cena passa-se em 1862, em Petrópolis, no tempo em que a cidade era ainda a Fazenda Imperial e contava a Princesa Isabel 16 anos de idade.



I.N.C.E. — Máquina de revelação contínua para filme de 35 mm

O "Correio da Manhã", de 3 de junho de 1943, assim se referiu a esse filme :

O cinema do Bem

Num só programa dois filmes apenas. Mas como um se opõe ao outro!... Um será o Bem da cinematografia, o outro o Mal da tela.

O Bem encontrámo-lo no complemento. Coisa de curta metragem, que se intitula "O Despertar da Redentora" e é obra do Instituto Nacional de Cinema Educativo. Pequena película que é um mundo de arte, de técnica, de emoções puras. Impõe-se como jóia rara do cinema: recorda-nos páginas formosas da nossa História, belas de emoções cívicas, de sentimentos altruísticos, de solidariedade humana, em que a alma brasileira se expande com toda a sua nobreza. Poema célere de imagens e de sons, que fica vivamente conservado no espírito.

O Mal é o filme de longa metragem, o prato de resistência da bilheteria. Chama-se "Tensão em Shangai" e tanto tem de chinês quanto de afganistão ou marroquino. O ambiente é significativo: uma casa de tavernagem, tão sórdida quanto os desgraçados que lá vivem. A película não passa de uma exibição de vícios e de hediondez e tem a conduzi-la um fito único: a cena final, em que uma mulher assassina a própria filha.

De um lado, pois, o filme nobre, que educa e conforta: a generosidade dos sentimentos humanos em toda a sua magnitude e em sua realidade plena aí esplende. Do outro, o filme que quer desmentir o valor social do cinema: anima-o seqüência de torpezas, de gestos cheios de podridão moral.

Será que o cinema, para viver, necessita de apelar para o estilo de "Tensão em Shangai"? Não: uma imensidade de películas formosas, que duraram semanas e semanas nos cartazes, aí está para a prova em contrário. O Mal do cinema é, portanto, inútil. Insistir nele é, pois, mais do que lamentável, mesmo quando no programa, graças ao Dr. Roquette Pinto e ao seu Instituto, haja radiosas belezas que encantam.

Vamos, Dr. Roquette Pinto, continue. E que os outros produtores da brasílica terra lhe sigam o exemplo, no esforço nosso pelo Bem do cinema!

ROTEIROS DE FILMES

Damos abaixo alguns roteiros dos filmes escolares editados pelo I.N.C.E. e aos quais se referiu na sua entrevista o professor Roquette Pinto.

Escolhemos apenas, para reprodução aqui, os referentes aos filmes "João de Barro", "Lição prática de taxidermia" e "Os músculos de um atleta".

A senhorita Heloisa Camargo de Azevedo deu-nos cópia desses roteiros, colaboração que muito apreciamos e que se estendeu também à transcrição de outras informações para esta reportagem.

João de Barro

A ave apresentada neste filme é o João de Barro, da família dos dendrocolaptídeos, (*Furnarius rufus*) de côr de terra, garganta branca, cauda avermelhada.

Encontra-se nos Estados do Rio de Janeiro, de Minas Gerais e de São Paulo.

E' notável o cuidado do pássaro na escolha do local onde vai construir o seu ninho — verdadeira casa — cuja entrada é sempre voltada para o lado contrário ao vento e à chuva. A duração da construção varia de acôrdo com as estações.

Aparece o João de Barro nos pastos de criação, onde no estrume do gado procura vermes e insetos, que constituem a sua alimentação.

Enquanto vai êle buscar o material (barro e estêrco) para construir o ninho, a companheira fica vigilante na defesa do seu futuro lar.

Há vários tipos de casas. A porta da casa apresentada no filme permanece fechada do interior para o exterior durante o período da postura.

O corte transversal da casa mostra o interior, as particularidades da construção e os ovos, que são brancos,

redondos, geralmente em número de 2 a 5, sôbre uma macia camada de cabelos, finas palhas, penas, etc.

Os pontos escolhidos para a colocação da casa são os mais diversos: um tronco, um ramo, às vezes uma bifurcação de dois galhos de grandes árvores e até um fio dum poste telegráfico.

O João de Barro é por todos benquistado e mesmo considerado "porte-bonheur".

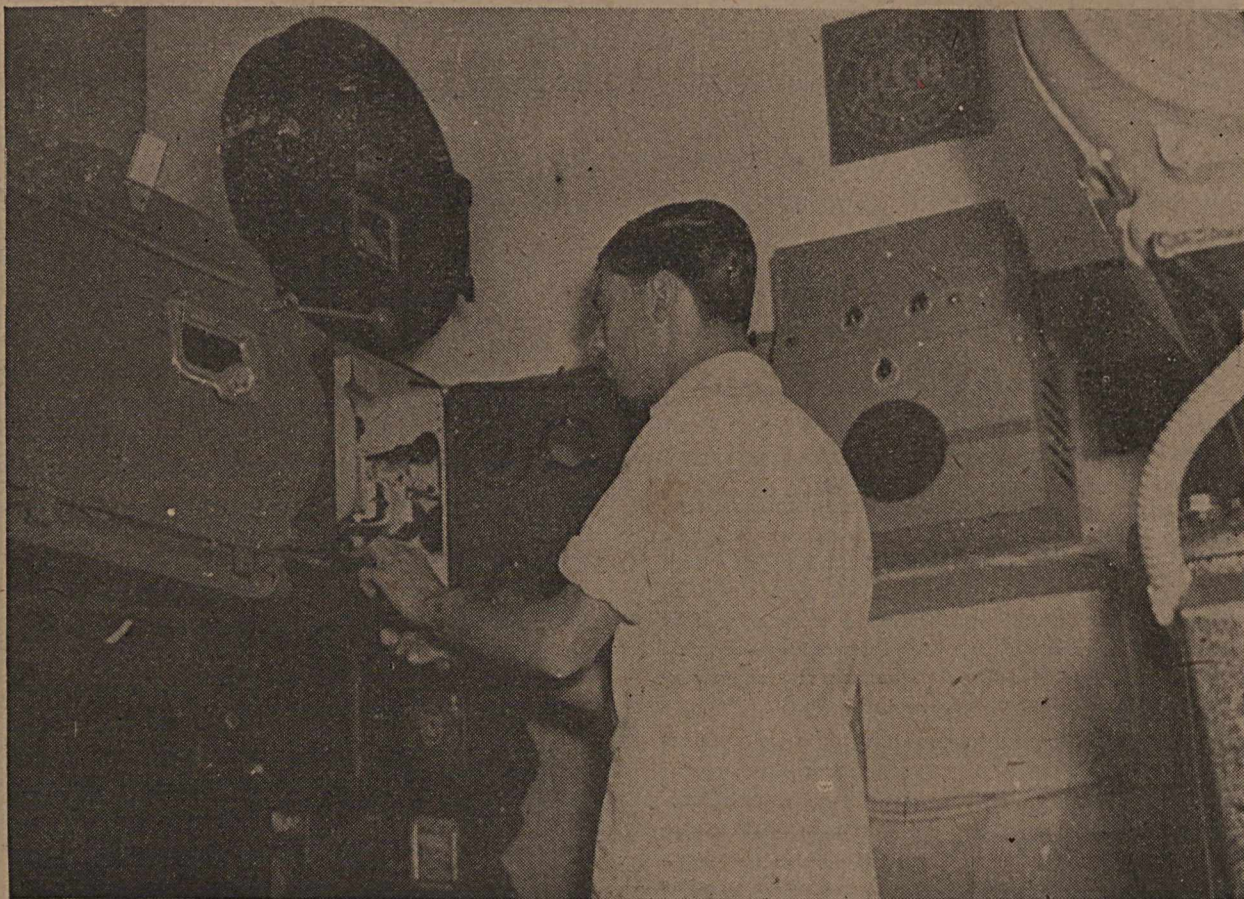
Lição prática de taxidermia

A taxidermia é a arte de conservar a pele dos animais vertebrados, mantendo as dimensões, as formas, o aspecto e as atitudes características do ser vivo.

O animal — neste caso é um pombo — debaixo de uma redoma, é adormecido e morto pelo clorofórmio.

Deposto na mesa polvilhada com talco, para impedir que o sangue manche as penas, a ave é esfolada com o bisturi ou escalpelo e com as mãos. Basta uma incisão pequena no abdômem. Por aí sai a carcassa — músculos e ossos — depois de desarticulados os membros: as pernas e as azas. O crânio também é desarticulado e fica na pele.

Com um pincel o naturalista passa por tôda a superfície interior da pele o sabão arsenical de Becouer — veneno violento.



I.N.C.E. — Cabine de projeção para filmes de 16 e 35 mm



I.N.C.E. — A sala de projeção

Para substituir as massas musculares das pernas enrola-se algodão nos ossos.

O crânio, depois de esvaziado da massa encefálica, recebe também um pouco de algodão arsenical. Um arcabouço de arame grosso dá consistência à peça. Um arame substitue a coluna vertebral, e outros seguem ao longo dos membros.

Soldam-se convenientemente êsses arames, protegendo a pele do calor do ferro de soldar, por meio de um pedaço de madeira.

Curvam-se os arames, para dar ao animal a forma desejada.

Procede-se depois ao enchimento da pele com algodão, feltro, ou palha e à costura da pele.

Monta-se o animal numa plancheta, seguro pelos arames que saem dos membros.

Substituem-se os olhos, por olhos de vidro de cor adequada.

Envolve-se a ave em tiras de papel, para segurar as penas, e deixa-se secar durante alguns dias. Os últimos retoques dependem do gosto artístico do preparador naturalista.

(Texto do Dr. PAULO ROQUETTE PINTO, do Museu Nacional).

Os músculos de um atleta

A projeção apresenta um tipo de atleta, o Sr. Geo Schmidt. Repare-se que o diâmetro *biacromial* (largura dos ombros) é bem maior que a largura da cintura.

Vê-se agora a musculatura anterior do braço em plena contractura. Observa-se o relêvo do *biceps*.

No torax chama a atenção a massa dos músculos *grandes peitorais*, separados um do outro pelo *sulco mediano anterior*, o que só se verifica nos indivíduos musculosos. Quanto mais desenvolvidos os *peitorais* tanto mais profundo o *sulco*.

Mais para baixo na parede abdominal, encontra-se o *reto anterior* com suas inserções superiores no apêndice xifóide e nas últimas cartilagens costais.

Visto de lado, desenha-se no pescoço, o *triângulo supra-clavicular maior*, delimitado atrás pelo *trapézio*, adiante pelo *esterno-cleido-mastoideo*, em baixo pela clavícula.

Chama atenção o relêvo do *grande redondo*, e do *deltoide* — músculos da espádua.

No braço, o *triceps* desenha-se com nitidez em suas três porções, *longa*, *vasto interno* e *vasto-externo*.

No membro inferior, a *pantorrilha* formada pelo músculo *gastro-cnemio*, isto é, os dois *gêmeos* e o *solear* (êste profundo, não visível nesta posição).

O modelo apresenta um músculo cuticular do pescoço ou platisma, notavelmente desenvolvido. E' êste músculo o requício no homem, do *grande panículo* — músculo cutâneo de certos animais.

Repare-se o espaço *delto-peitoral*, ou *triângulo infra-clavicular*, que os médicos-clínicos conhecem sob o nome de *fosseta de Morenheim*; através dêste espaço o pulmão pode ser quase diretamente auscultado e percutido.

De novo de frente, desenham-se no *reto anterior* do abdome as *inserções tendíneas* (3 ou 4) que separam os diversos segmentos do músculo, vestígio da primitiva metameria do embrião humano.

A região da axila mostra-se nítida, com sua parede anterior (*músculo grande peitoral*), parede posterior (*grande dorsal*) e, entre êstes dois relêvos, o do *grande redondo*.

No tronco vêem-se as *digitações* do *grande dentado*, que se imbricam com as do *grande oblíquo*; as primeiras dirigidas de baixo para cima e de dentro para fora, as do *grande oblíquo* com direção diretamente oposta.

A projeção mostra uma retração dos músculos largos do abdome, com a projeção dos *retos anteriores*; desenham-se com extrema nitidez os *hipocôndrios* — direito e esquerdo.

A projeção mostra agora a musculatura do dorso.

Em cima, na linha média, o *trapézio* de um e de outro lado — desenhando em seu conjunto um "*capuz de frade*". Para fora e no mesmo nível, a massa do *infra-espinhoso*. O *supra-espinhoso* desaparece sob o *deltóide*.

Para baixo o *grande dorsal* ou *latíssimo*, do dorso.

Repare-se bem no centro da massa do trapézio, o chamado "*espelho do trapézio*", em cujo centro se encontra o ápice da 7.^a vértebra cervical ou vértebra proeminente, ótimo ponto de reparo para as outras.

Note-se a depressão triangular delimitada pelos três músculos — *trapézio* em cima e dentro; *grande dorsal* em baixo; e *infra-espinhoso* fora.

(Texto do Prof. BASTOS DE AVILA, do Museu Nacional).

VISITA À FILMOTECA

Deixando a Biblioteca, passamos a visitar a FilMOTECA, cujas instalações precedem a sala de projeção.

Não houve necessidade de nossa apresentação à senhora Beatriz Roquette Bojunga, que chefia essa secção, porque já estávamos muito conhecidos na casa...

Se o Instituto, em sua apresentação geral, é atraente e acolhedor, como acentuamos de início, a Secção de FilMOTECA requinta-se em proporcionar essa satisfação agradável de ambiente em que se sente inteligência, distinção e doçura. E até agradável perfume, de belos jasmims, arrumados com graça à mesa, completava êsse encantamento, quando lá estivemos.

D. Beatriz, logo de início, preferiu mostrar-nos a apreciável assistência do Instituto a inúmeras escolas, instituições culturais e a outros estabelecimentos, particulares ou oficiais, fornecendo-lhes filmes e mesmo aparelhos, projetores, telas, operadores, etc. O Sr. Ladislau Lobaco, auxiliar de D. Beatriz, trouxe-nos em seguida o livro de registro dessa assistência, extensiva a centenas de estabelecimentos de ensino.

E D. Beatriz reportou-se a fatos interessantes ocorridos através do fornecimento de filmes a particulares. Um pobre professor dos subúrbios levou um dia um filme. Passou-o na sala de aulas a seus alunos. E, como era natural, os meninos divulgaram logo a beleza da fita, e a pequenada das imediações da escola começou a chegar justamente à hora em que se daria a projeção. A freguesia aumentou, e o professor não teve outro jeito senão arranjar uma tela na parte externa da casa para, assim, poder atender à vontade a imensa assistência. E desta forma surgiu um cinema ao ar livre educativo e... de graça!

FICHÁRIO

Na Secção de Distribuição afeta à FilMOTECA vimos um grande fichário, no qual se acham classificados os estabelecimentos pela natureza do seu ensino e regionalmente, pelos Estados, municípios, cidades, vilas, etc.

O I.N.C.E. teve a colaboração do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos e das Secretarias de Educação nos Estados, para a organização dêste fichário, que é realmente extenso.

E o Sr. Humberto Mauro, que no momento chegava, fêz-nos esta observação: — Pode o senhor ficar certo de uma coisa: esta secção reflete bem tôdas as atividades da casa, pois aquí está o que? A sua produção, os filmes adquiridos, revistos e adaptados e a comprovação, por intermédio de grande fichário, do nosso intercâmbio com milhares de estabelecimentos de ensino do país e outros de atividades semelhantes.

E nesta altura percebemos a alegria justa e natural de D. Beatriz, que nos mostra o seu fichário. Vimos o referente a Minas. Muito interessante. Suas côres quase completam as do arco-iris. Cada uma, com sua significação. Apanhamos, ao acaso, o fichário correspondente a Alfenas: a ficha azul nos revelou isto: Academia de Comércio Leão de Faria; a verde — Grupo Escolar Coronel José Bento; a rosa — Escola de Farmácia e Odontologia; a branca — Escola Normal equiparada (2.^o grau), etc.

Além dessas há uma "ficha-resumo" na qual se encontra a estatística de todos os estabelecimentos de ensino de Minas Gerais, sejam êles públicas ou particulares.

Deve-se tão meticoloso trabalho à Sra. Beatriz Roquette Bojunga, que também organizou o registro, nessas mesmas fichas, de tôda a aparelhagem cinematográfica de cada estabelecimento nela consignado.

PRÊMIOS

Pormenor interessante. O ministro da Educação resolveu por sugestão do Prof. Roquette Pinto, instituir, como incentivo, um prêmio de quatro filmes a tôda escola que possuir um projetor de 16mm sonoro. E na ficha da Escola Normal Equiparada de N. S. do Carmo, de Cataguazes, se acha

anotado esse prêmio, concedido em 29 de agosto de 1938. Como se vê, pela data, já é antigo esse meio de incentivar-se o que procura difundir de forma tão inteligente o Cinema Educativo. Há ainda entre outros os seguintes estabelecimentos premiados :

MOVIMENTO DE FILMES

Há ainda o fichário de entrada e saída de filmes cedidos, por empréstimos, a todos que os solicitam ao Instituto.

Esse fichário é diferente : é do sistema Roneo-Dex. Registra ele o dia de saída do filme da sede do Instituto e o de sua volta. Todas as ocorrências com a cessão de um filme são registradas devidamente em fichas. O filme restituído passa por nova revisão a fim de se verificar se sofreu por acaso alguma avaria, o que importa dizer que as atividades da secção crescem com essa medida acauteladora e, afinal, benéfica para quantos desejam ser servidos pelo Instituto.

Todo filme adquirido pelo Instituto ou por ele confeccionado vem acompanhado de uma ficha elaborada pela Secção Técnica, que nela anota as características do filme.

E, com um número de ordem, essa ficha é metida no fichário, tendo antes sido registrada no livro adequado.

Surge depois outra ficha... a de registro completo das modificações porventura registradas no filme e também do número de cópias e negativos desse filme.

PROJEÇÃO DE FILMES NA SEDE DO I.N.C.E.

O I.N.C.E. faz em sua sede projeção de filmes a visitantes, interessados em conhecê-los.

Foram assim atendidos, entre outros, os seguintes senhores :

Dr. John Pitose, da Fundação Rockefeller ; Prof. Melvill T. Herscovits, da Universidade de Evanston, de Illinois ; Dr. Saboia de Medeiros ; Ribeiro Couto ; Oscar Godoy ; Mario de Brito ; professores Miguel Osorio de Almeida, Clementino Fraga, Carlos Chagas Filho, Leitão da Cunha, Raul Batista, o etnologista francês Bertrand Fleurnoy, Coronel Aristarcho Pessoa, comandante do Corpo de Bombeiros, Maria Eugenia Celso, Generais Sílio Portela e Milton F. de Almeida ; Winston Murray, técnico da Coordenação Inter-americana ; Prof. Frões da Fonseca, Diretor da Faculdade Nacional de Medicina ; Prof. Abelardo Brito, Diretor da Escola Nacional de Odontologia ; Prof. Ignacio Azevedo do Amaral, Diretor da Escola Nacional de Engenharia ; Prof. Baeta Viana, da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte ; Ivan Lins, Felinto de Almeida, Prof. Antonio Austregesilo, João Neves, Celso Vieira, Ataulfo de Paiva, Claudio de Souza, Edmundo da Luz Pinto, Francisco Montojos, Abgar Renault, Lucia Magalhães, professor Moreira de Souza, Mauricio Nabuco, Cel. Radler de Aquino, General José Pessoa, Basílio Magalhães, Prof. Enrique Rodrigues Fabregat, Joseph Piazza, da Embaixada Americana ; Maciel Pinheiro, John C. Patterson, Washington, D.C. ; Ministros do Tribunal de Contas : Ruben Rosa, Bernardino Souza, José Américo, Oliveira Viana, Oliveira Lima ; Mary Louis Doberty, Office of Indian Affairs, Depart. do Interior, Washington D.C. ; Celso Kelly, Arthur Moses, Carlos Sá, E. Perroy, Vasco Leitão da Cunha, Baptista Luzardo, Williams Berrien, representante do Conselho Ame-

ricano de Sociedades Eruditas ; Padre Serafin Leite, Walt Disney.

INTERCÂMBIO COM O ESTRANGEIRO

As nossas relações culturais com o estrangeiro têm no I.N.C.E. concurso apreciável por meio de suas produções, levadas pessoalmente por cientistas patricios, que delas se valem como elementos elucidativos de conferências que realizam, ou remetidas por intermédio de legações de países aqui acreditados.

NA EUROPA

A legação da Dinamarca encarregou-se de remeter a esse país, em 4 de janeiro de 1939, os filmes "Vitória Régia", "João de Barro" e "Visão da Amazônia".

A embaixada do Japão, em 18 de janeiro de 1940, fez permuta de filmes, sendo-lhe fornecido o referente à técnica operatória, do Dr. Mauricio Gudin.

Ao Colégio de França, por intermédio do Prof. Miguel Osório de Almeida, foi enviado um filme sobre Fisiologia.

A Missão Brasileira aos Centenários de Portugal levou a esse país, em 2 de maio de 1940, os filmes "Dia da Bandeira", "Febre Amarela", "Visão da Amazônia", "João de Barro", "Roosevelt", "Apólogo", "Vitória Régia", "Puraquê", "Céu do Brasil" e "Taxidermia".

Na Suíça, o Dr. Roberto Magne, em comissão oficial do Ministério da Educação, fez correr os filmes : "Parafuso" e "Rumo ao campo".

NOS ESTADOS UNIDOS

Nos Estados Unidos a exibição dos filmes do Instituto tem sido mais freqüente do que em outro qualquer país.

Só na Feira Mundial de Nova York, em 1939, foram exibidos os seguintes : "Método operatório do Dr. Gudin" ; "Fisiologia" ; "Febre Amarela" ; "Fluorografia coletiva" ; "Aviação Naval" ; "Abastecimento d'água no Rio de Janeiro", com aspectos de represas, captação, fabricação de tubos ; "Serviço de esgotos no Rio" ; "Prevenção contra a tuberculose — B.C.G. no Brasil" ; "Leishmaniose visceral americana", pelo Prof. Evand Chagas ; "Tripanosomiose Americana" ; "Instituto Osvaldo Cruz" ; "Propriedades elétricas do poraquê", pelo Prof. Carlos Chagas Filho.

Por intermédio da Embaixada Americana no Rio, foram remetidos a esse mesmo país, em 20 de novembro de 1941, os filmes "Balata", "Borracha", "Castanha", "Visão Amazônica" e "Fauna Amazônica".

A Sra. Noemi Silveira levou aos Estados Unidos, em 18 de junho de 1941, os filmes "Rumo ao campo", "Vitória Régia", "Moeda", "Céu do Brasil", "Parafuso" e "João de Barro".

O professor Miguel Osório Almeida também levou aos Estados Unidos o filme "Fisiologia Geral".

NO URUGUAI

O Embaixador Batista Luzardo tem sido um dos mais entusiastas propagandistas do I.N.C.E. À nossa embaixada em Montevideu foram enviados em outubro de 1938

os filmes "Dia da Pátria", "Inconfidência", "A borraça", "Vitória Régia", e "Parafuso". Ainda para o mesmo país e por intermédio do professor Carlos Chagas Filho foram remetidos os filmes "Poraquê" e "Miocárdio em Cultura", trabalhos originais desse cientista.

NA COLÔMBIA

A embaixada brasileira em Bogotá fez exhibir em 1939 os filmes "Vitória Régia" e "Céu do Brasil".

NO MÉXICO

A Comissão científica, chefiada pelo professor Roquette Pinto, que esteve no México, levou, fazendo permuta, os filmes "Vitória Régia" e "F. Roosevelt".

Por intermédio do Departamento de Imprensa e Propaganda foram enviados a esse país mais os seguintes filmes: "João de Barro", "Faiscadores de Ouro", "Cerâmica artística no Brasil", "Pedra da Gávea" e "Rio Soberbo".

NO PARAGUAI

Em nossa reportagem sobre o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (I.N.E.P.), publicada no número de setembro de 1942 da *Revista do Serviço Público*, ressaltamos os magníficos serviços de sua Secção de Documentação e Intercâmbio, chefiada pelo Dr. Ruy Guimarães de Almeida, que teve a auxiliá-lo o professor Armando Hildebrand e o Dr. Mario Calmon. Verificamos então que já eram muito apreciáveis nossas relações culturais com o Paraguai. Agora, visitando a casa dirigida pelo professor Roquette Pinto, fomos ter notícia de nova aproximação do I.N.E.P., pelo seu diretor Lourenço Filho, com os centros culturais desse país, para onde levou também os belos filmes educativos do I.N.C.E., quando em desempenho de recente missão cultural. Em Assunção, o professor Lourenço Filho fez correr os filmes "Parafuso", "Vitória Régia", "João de Barro", "Bronze Artístico" e "Lapidação do Diamante".

Por intermédio da embaixada brasileira naquela capital, foram exibidos alguns dos filmes anteriores e mais estes: "F. Roosevelt" e "Dia do Marinheiro".

NO CHILE

Por intermédio do professor Leitão da Cunha, representante brasileiro nas solenidades comemorativas do centenário da Universidade de Santiago, foram nesta exibidos os filmes "Febrê Amarela", "Carlos Gomes", "Lagoa Santa" e um diafilme sobre "Antropologia brasileira", organizado pelo professor Roquette Pinto, para ilustrar uma conferência e proferida na mesma universidade pelo professor Leitão da Cunha.

Também o Dr. Roquette Pinto levou ao Chile os filmes: "Dia da Bandeira", "F. Roosevelt", "Preparo da Vacina contra a raiva", "Vitória Régia" e os diafilmes: "Museu de Belas Artes", "Museu Nacional" e "Antropologia do Brasil".

NA ARGENTINA

A Buenos Aires os professores Miguel Osório de Almeida e Maurício Gudín já levaram vários filmes editados pelo

I.N.C.E. sobre assuntos científicos e trabalhos de autoria desses professores.

O I.N.C.E. NOS ESTADOS

A todos os Estados já o I.N.C.E. tem feito chegar os seus filmes. A sua atuação no interior do país poderia ser ainda mais apreciável se houvesse mais difusão de emprêgo de projetores para filmes de 16mm e se outras fôssem no momento as condições de transporte, muito prejudicado em consequência de repercussão da guerra no país.

NO DISTRITO FEDERAL

Aquí no Distrito Federal, o I.N.C.E. dá assistência imediata a todos os colégios oficiais ou particulares que a solicitem, enviando-lhes programas semanais, emprestando-lhes projetores ou dando-lhes ensinamento, por meio de seus operadores, quanto ao manêjo do material de projeção. Com o I.N.C.E. tem colaborado acentuadamente o Serviço de Cinema Escolar da Prefeitura do D.F.

NA SECÇÃO TÉCNICA

Já falamos da produção do I.N.C.E., com referência a seus filmes, chegando mesmo a dar, em linhas gerais, o entrêcho de alguns deles.

Vamos agora tratar da parte técnica, do que diz respeito ao modo de fazê-los.

Não será, de certo, descrição precisa, bem sabemos, mas suficiente a transmitir ao leitor idéia da aparelhagem do Instituto.

A Secção Técnica é constituída do laboratório e de dependências de revelação de filmes, cópias, montagem, reduções e ampliações e de gravação de som, e fotografia.

O laboratório divide-se, por sua vez, em duas secções: a de filmes de 16mm e a de 35mm. A primeira está a cargo do Sr. Erich Walder e a segunda sob a direção do senhor Manoel Pinto Ribeiro, que tem como auxiliares os senhores Mateus Colaço, Jorge Malheiros e Dixon Macedo, tidos como técnicos competentes e dedicados ao Instituto.

DEPOIS DA FILMAGEM

Agora, podemos falar da marcha da confecção de um filme.

Feito o trabalho da filmagem, o negativo dá entrada primeiro no laboratório a fim de ser revelado.

Estivemos na sala em que se acha assentado o maquinismo da revelação. Como o filme é muito sensível ao calor, acha-se essa sala dotada de ar condicionado, mantendo-se a temperatura entre 18 e 20 graus.

O leitor pode ter idéia da maquinaria da revelação aí instalada pela sua fotografia nesta reportagem.

O filme é nela metido como vem da câmara de filmagem, passando então pelos processos de revelação, fixagem e lavagem, e, sem qualquer contato manual, automaticamente, se transfere para o lado externo da câmara escura. Entra em seguida num armário todo de vidro para sua completa secagem, sendo submetido a ar filtrado e aquecido.

Obtido assim o negativo, leva-se este para a máquina de copiar, onde sua primeira cópia possa ser examinada quanto

à sua apresentação, observando-se-lhe as qualidades, defeitos, falhas etc. Também damos fotografia dessa máquina, de bela aparência e considerada como das melhores no gênero. De fabricação francesa, seu emprêgo é freqüente em laboratórios americanos e em muitos países europeus.

Faz uma porção de coisas: copia ao mesmo tempo a imagem e o som e aplica letreiros sobrepostos. Destina-se só a filmes de 35mm.

Quanto aos processos de laboratório na preparação de filmes, são todos os mesmos, tanto para os de 16mm como para os de 35mm.

Passamos a outra dependência da Secção Técnica, onde vimos máquinas de tirar cópias de filmes de 16mm, aliás de funcionamento semelhante ao da de 35mm. Também dela publicamos uma fotografia.

O filme volta novamente à revelação e depois é levado à projeção, onde passa por minucioso exame em todos os seus apanhados e defeitos, fazendo-se então seleção do que é bom e do que é mau.

NA SALA DE CORTE E MONTAGEM

Estão separados nesta sala os petrechos de corte e montagem de filmes de 16 e 35mm.

Faz-se aí a montagem do filme pela sua primeira cópia. Se houver necessidade de cortar-se uma cena qualquer, essa operação se pratica nessa sala. O mesmo se faz com os filmes de procedência externa, caso haja necessidade.

Durante a operação de coordenação do filme, é este projetado na tela várias vezes, até ficar em condição definitiva de boa apresentação.

Acerta-se depois o negativo desse filme pela sua primeira cópia, já organizada ou, melhor, pelo "copião".

O respectivo negativo passa por um processo de limpeza, realizada em máquinas adequadas.

Depois disto, e colocados os títulos de apresentação, tiram-se tantas cópias quantas se queira. Quanto ao negativo, é este em seguida arquivado.

A MOVIOLA

A moviola é um maquinismo para acertar o som com a imagem, o que importa dizer, destina-se a realizar a sincronização. Não é demais que se acentue que esta sincronização é feita em produções pré ou pós-sonorizadas.

SALA DE GRAVAÇÃO DE SONS

Junto ao grande estúdio de trabalhos de filmagem e sincronismo está a sala de gravação, que conta aparelhos de gravação para filmes de 16 ou 35mm, aparelhos de gravação e aparelhos de gravação de discos.

Há dois aparelhos de gravação de discos, com os quais tem o Instituto gravado músicas, palestras, documentos importantes, etc. Concorrem, aliás, para a formação do grande documentário da casa.

Todo trabalho musical necessário aos filmes do Instituto é arquivado em discos. E assim conseguimos ouvir as principais composições de Carlos Gomes, Padre José Maurício, Henrique Oswald, Alberto Nepomucena, Francisco Braga e

outros, bem como composições originais recentes de vários maestros brasileiros.

Nos referidos aparelhos se fazem pesquisas sonoras para efeito de sincronismo.

O ESTÚDIO

No estúdio procede-se a trabalhos de filmagem, sincronização e gravação de orquestras.

O estúdio do I.N.C.E., que está à prova de som, com acústica adequada, possui um quadro da distribuição elétrica que satisfaz todas exigências de luz com os respectivos refletores.

Integra essa aparelhagem um magnífico departamento fotográfico com várias máquinas e ampliadores de tipos diversos.

Todos os filmes do Instituto possuem completa documentação fotográfica, conseguida de suas cenas principais. Aliás, tivemos ensêjo, como já acentuamos, de ver diversos "tills", isto é, instantâneos de cenas em exposição em várias dependências da casa.

DOCUMENTAÇÃO CIENTÍFICA

O Instituto dispõe de vários aparelhos para atender aos serviços de documentação científica, como sejam os de microfotografia, microcinematografia, fotografia para tomada de vistas intermitente, etc. Este último aparelho é muito interessante, pois permite o estudo do crescimento das plantas com sua filmagem intermitente e que, projetada depois, nos dá perfeita impressão de seguimento.

Há ainda uma máquina especial para serviços de desenhos animados, mapas, legendas, etc., e aparelhos para tomada de vistas de 16 e 35mm.

Vimos ainda um aparelho de diafilmes e capaz de fotografar rapidamente um livro inteiro.

OFICINA DE REPARAÇÃO

Nossa vida às dependências da Secção Técnica terminou na oficina a cargo do Sr. Iraçá Chaves, na qual se fazem reparos de máquinas que, por acaso, se estraguem pelo seu uso diário em serviço.

Alí tudo é simples e não se vêem aparelhos complicados como nas outras salas. Simples mas também muito eficiente.

LEGISLAÇÃO CINEMATOGRAFICA BRASILEIRA

12 de outubro de 1937 — Decreto n. 17.943-A, que consolida as leis de assistência e proteção a menores (art. 128 e seguintes, que dispunham sobre a entrada de menores em sala de espetáculos públicos).

22 de dezembro de 1928 — Decreto n. 2.940, que reformou a instrução pública no Distrito Federal, na administração Fernando de Azevedo (art. 633 e seguintes):

"As escolas de ensino primário, normal, doméstico e profissional, quando funcionarem em edifícios próprios, terão salas destinadas à instalações de aparelhos de projeção fixa e animada para fins meramente educativos".

"O cinema será utilizado exclusivamente como instrumento de educação e como auxiliar do ensino, para que facilite a ação do mestre sem substituí-lo.

"O cinema será utilizado, sobretudo, para o ensino científico, geográfico, histórico e artístico.

"A projeção animada será aproveitada como aparelho de vulgarização e demonstração de conhecimentos, nos cursos populares noturnos e cursos de conferências.

"A Diretoria Geral de Instrução Pública orientará e procurará desenvolver por tôdas as formas, e mediante a ação direta dos inspetores escolares, o movimento em favor do cinema educativo".

1.º de fevereiro de 1932 — Decreto n. 3.763 (art. 7). O Interventor do Distrito Federal criou a Biblioteca Central de Educação e a Divisão de Cinema Educativo.

4 de abril de 1932 — Decreto n. 21.240, nacionalizou o serviço de censura dos filmes cinematográficos, criou a Taxa Cinematográfica e deu novas providências.

21 de abril de 1933 — Decreto n. 5.884, instituiu o Código de Educação no Estado de São Paulo. Neste código, os arts. 121 à 138 se referem aos serviços de Rádio e Cinema Educativo.

10 de julho de 1934 — Decreto n. 24.651, criou no Ministério da Justiça e Negócios Interiores o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural.

O art. 2.º, alíneas a, b e c, se referem à utilização, circulação e intensificação de filmes educativos.

24 de novembro de 1934 — Publicação das instruções regulando a censura e a seleção de filmes educativos da filmoteca da "Divisão de Bibliotecas e Cinema Educativo".

13 de janeiro de 1937 — Lei n. 374, que deu nova organização ao Ministério da Educação e Saúde, criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo.

15 de junho de 1938 — Decreto n. 2.762, que promulga a Convenção sobre facilidades aos filmes educativos ou de propaganda, firmada entre o Brasil e diversos países em Buenos Aires, a 23 de dezembro de 1936 por ocasião da conferência Interamericana de Consolidação da Paz.

N. da R. — Sob o título "Um excelente trabalho", o "Estado de São Paulo", o brilhante e prestigioso matutino da capital bandeirante, publicou, em sua edição de 13 de fevereiro último, o seguinte comentário, inspirado pela reportagem que, sobre "A Casa de Ruy Barbosa", divulgamos em nosso número de outubro do ano passado:

"A Revista do Serviço Público, embora o título denuncie apenas uma publicação especializada, repleta de cifras e de gráficos, é, em verdade, uma esplêndida poliantéia,

onde, além de um completo e autorizado noticiário sobre as atividades administrativas do país, se encontra também um serviço de reportagens digno de nota. Há, igualmente, em cada número, não poucas colaborações assinadas por nomes de relêvo na vida cultural do Brasil, abordando assuntos os mais em foco e de importância indiscutível.

Esse programa, adotou-o a *Revista do Serviço Público*, criada por feliz inspiração do Dr. Luiz Simões Lopes, desde quando, na sua direção, se encontrava aquele grande e culto jornalista que se chamou Urbano Berquó. Foi o saudosos comentarista internacional do "Correio da Manhã" quem deu à prestigiosa publicação essa amplitude e essa projeção intelectual, impondo-a, apesar do seu caráter oficial, à atenção e ao aprêço de quantos gostem das boas leituras.

Nos seus últimos números, com o propósito de tornar mais conhecidos os nossos diversos setores administrativos e culturais, a *Revista do Serviço Público* vem publicando uma série de reportagens objetivas, altamente interessantes, assinadas por Adalberto Mário Ribeiro, um veterano repórter, servido por admiráveis qualidades de excelente escritor e, também, como Urbano Berquó, fazendo parte da brilhante equipe do "Correio da Manhã", ao lado de Paulo Filho, Costa Rego, Mota Lima e tantos outros.

"O Instituto Nacional do Livro", "A campanha contra a lepra no Brasil", "O Laboratório Central de Enologia", "O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro" e "A Casa de Ruy Barbosa" são algumas dessas reportagens, cujo êxito foi tão marcante que a direção da Revista decidiu publicá-las em separata, para que, assim, mais ampla fôsse a sua divulgação através do país inteiro.

"A Casa de Ruy Barbosa" é trabalho de fôlego e merece bem registro especial. Os limites de uma simples reportagem foram transpostos, evidentemente, pelo Sr. Adalberto Mário Ribeiro.

Muito embora o vetusto edifício da rua São Clemente ofereça um oceano de curiosidade ao visitante inteligente, certo é que o lado interessante e comovente das coisas escapa sempre aos mais atentos. O repórter-escritor, no entanto, teve olhos e sentido pesquisador para descobrir os menores detalhes, os aspectos mais sutis, transmitindo-os, depois, ao grande público, através das páginas da *Revista do Serviço Público*.

Aberta à visitação de quantos lhe queiram percorrer as dependências e demorar frente aos livros, coisas e objetos que pertenceram ao grande brasileiro, a "Casa de Ruy Barbosa" é, todavia, desconhecida de grande parte da população. Há mesmo — é curioso dizer-se — muitos baianos apaixonados que se exaltam falando da "Águia de Haia", mas, em absoluto, nunca tomaram um bonde que os levasse a visitar o palacete onde viveu, trabalhou e morreu o mestre.

O magnífico trabalho do Sr. Adalberto Mário Ribeiro, agora editado pela Imprensa Nacional, em "Separata da Revista do Serviço Público", com suas revelações e sugestivas confidências, possivelmente há de despertar a atenção de toda gente para a casa de Ruy.

Se, depois de tão excepcional preconício, as visitas à rua São Clemente não se multiplicarem para a alegria do professor Homero Pires, — então é o caso de descrever da apreçoada curiosidade carioca. Salvo se ela deixou-se enlevar, totalmente, pelas trincas do futebol e do turfe... — G. I. L."